

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
INSTITUTO VILLA-LOBOS
LICENCIATURA EM MÚSICA

ESTUDO DE CASO:
A PRÁTICA DE ENSINO DE INTEGRANTES DA BANDA SINFÔNICA
DO CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS

THEMYSTOCLES VIEIRA DE ANDRADE

RIO DE JANEIRO, 2005

ESTUDO DE CASO:
A PRÁTICA DE ENSINO DE INTEGRANTES DA BANDA SINFÔNICA
DO CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS

por

THEMYSTOCLES VIEIRA DE ANDRADE

Monografia apresentada para conclusão do curso de Licenciatura Plena em Educação Artística – Habilitação em Música do Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes da UNIRIO, sob a orientação da Professora Dra. Mônica de Almeida Duarte.

Rio de Janeiro, 2005

ANDRADE, THEMYSTOCLES VIEIRA DE. ESTUDO DE CASO: A PRÁTICA DE ENSINO DE INTEGRANTES DA BANDA SINFÔNICA DO CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS. 2005. MONOGRAFIA (LICENCIATURA PLENA EM EDUCAÇÃO ARTÍSTICA – HABILITAÇÃO EM MÚSICA) – INSTITUTO VILLA-LOBOS, CENTRO DE LETRAS E ARTES, UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo o estudo da prática pedagógica dos integrantes da Banda Sinfônica do Corpo de Fuzileiros Navais. Como estratégia de pesquisa, optei pelo estudo de caso. Os integrantes da Banda Sinfônica que exercem a atividade docente são a unidade de análise da pesquisa. O método utilizado para a coleta de dados foi entrevistas semi-estruturadas. O que pude observar, é que a atividade docente do músico professor militar está diretamente ligada às escolas de música anexas às igrejas evangélicas. Há uma estreita ligação entre a estrutura escolar-musical da banda de música da igreja e da organização militar e sua banda (repertório, prática de ensino, formação musical, regras de comportamento e interação social). Pode-se perceber que as duas instituições se completam numa simbiose perfeita, quanto aos seus processos de formação, preparo e avaliação dos músicos evangélicos e futuros militares. A prática instrumental, não serve só para preparar o músico para tocar na banda da igreja, é também um estágio para a formação musical-militar futura e adaptação a um novo meio social, já que a hierarquia e disciplina, alicerces das forças armadas, estão presentes nas duas instituições.

PALAVRAS-CHAVE: ESTUDO DE CASO, EDUCAÇÃO MUSICAL, BANDAS DE MÚSICAS, IGREJA, MILITARISMO.

SUMÁRIO

	Página
RESUMO	III
LISTA DE ANEXOS	V
LISTA DE FIGURAS	VI
LISTA DE TABELAS	VII
INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO 1 - ENSINO MUSICAL EM BANDAS.....	05
1.1 Relação Entre a Educação Musical e a Banda de Música	
1.2 Relação Entre Bandas Civas e Militares	
1.3 Os Saberes do Professor de Música	
CAPÍTULO 2 - O ESTUDO DE CASO	11
2.1 A escolha da Unidade de Análise	
2.2 Roteiro das Entrevistas	
2.3 Caracterização dos entrevistados	
2.4 Resultados das Entrevistas	
CAPÍTULO 3 - CONCLUSÃO	17
Recomendações para estudos futuros	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	21
ANEXOS.....	22
Primeiras observações	
entrevistas com os professores Músicos Militares	
Síntese das entrevistas com frases mais significativas	

LISTA DE ANEXOS

Anexo	Página
1. Primeiras observações	22
2. entrevistas com os professores Músicos Militares.....	27
3. Síntese das entrevistas com frases mais significativas	59

LISTA DE FIGURAS

Figura	Página
1. Foto história do desembarque da Banda de Música	60
2. Foto da Fortaleza São José.....	61
3. Foto da Banda Sinfônica do CFN	62
4. Gráfico da formação da Banda Sinfônica	63

LISTA DE TABELAS

Tabela	Página
1. Quadro de caracterização dos entrevistados	66
2. Quadro de Resumo das entrevistas	67
3. Censo Religioso da Banda Sinfônica do CFN	70

INTRODUÇÃO

As oportunidades de emprego estável e com um salário mensal para exercer a profissão de músico executante no estado do Rio de Janeiro estão, entre outros, na Orquestra do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, Orquestra Sinfônica Brasileira da Cidade do Rio de Janeiro, Orquestra Petrobrás Pró Musica e nas Bandas militares da Marinha, Exército e Aeronáutica e das forças auxiliares, Bombeiros e Polícia Civil e Militar. É nesse contexto que está inserida a Banda Sinfônica do Corpo de Fuzileiros Navais.

No dia 7 de março de 1808, aportavam no Rio de Janeiro os navios que traziam a Família Real e as cortes lusas.

A Brigada Real da Marinha – origem dos atuais Fuzileiros Navais – tão logo desembarcou, acompanhando a corte, realizou um desfile, tendo à frente suas bandas de música e marcial, trajando uniformes vistosos e executando dobrados vibrantes. A população aplaudiu encantada. A música marcial é a inspiração de todas as Bandas de Música do Corpo de Fuzileiros Navais (CFN).

A Banda de Música teve sua origem na Música Marcial. A rigor, a primeira Banda de Música foi criada pelo Aviso nº 22, de 24 de janeiro de 1872, pertencendo ao Corpo de Imperiais Marinheiros.

Em 1965, foi denominada Banda de Concerto do Corpo de Fuzileiros Navais, devido aos vários concertos apresentados.

No dia 08 de março de 1974, foi transformada em Banda Sinfônica do CFN, recebendo esse título, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, por ocasião do Concerto Sinfônico em comemoração ao 166º Aniversário do CFN. Esse título foi dado, devido à

inclusão de instrumentos característicos de orquestras sinfônicas, possibilitando a execução de músicas populares e eruditas.

A Banda Sinfônica do CFN está integrada na estrutura da Companhia de Bandas do Batalhão Naval do Corpo de Fuzileiros Navais, localizado na Histórica Fortaleza de São José da Ilha das Cobras, no Centro da Cidade do Rio de Janeiro. Além da Banda Sinfônica, o Corpo de Fuzileiros Navais possui uma Banda Marcial, um Conjunto instrumental denominado Fuzibossa e 17 bandas de música com efetivos menores integrando diversas Unidades da Marinha espalhadas pelo território nacional.

A definição de Banda de Música remete a um conjunto de músicos que tocam instrumentos de sopro e percussão. No que se refere à sua composição instrumental, a Banda Sinfônica do CFN se caracteriza por utilizar todos os instrumentos de sopros e percussão possíveis, bem como o emprego de instrumentos de cordas tais como o contrabaixo e violoncelo. (Alves, 1999)

Em uma estatística realizada com integrantes da Banda Sinfônica do Corpo de Fuzileiros Navais, verificou-se que dos 85 músicos, 50% destes estão envolvidos, de maneira direta, em alguma atividade do ensino da música, sendo essa atividade exercida através da regência de coros e grupos instrumentais, do ensino específico de um instrumento, ou através da organização e participação em uma escola de música.

O interesse por esse tema iniciou-se com a observação de que esses mesmos músicos, que cumprem uma carga horária de trabalho de oito horas diárias, de segunda a sexta, não possuem qualquer formação ou qualificação acadêmica em licenciatura ou pedagogia da música, tendo, às vezes, apenas a formação dada por um professor do instrumento específico, ou através do esforço autodidata ou, ainda, curso de graduação em outras áreas, tais como: matemática, letras, informática, etc...

Baseado nessas informações, entende-se que seria necessário o estudo da prática pedagógica dos integrantes desses grupos para compreender-se a lógica da formação desse músico educador, que não tem na docência a sua principal fonte de renda, mas, sim, no emprego estável em uma instituição militar.

Pretende-se, ainda, através desse estudo de caso, melhor compreender o nicho em que estão inseridos esses músicos e qual a sua participação para a formação de novos músicos e apreciadores da arte musical, levantando a hipótese de que, ao passar esse conhecimento, eles adquirem, ou não, um modelo próprio de ensino através da prática. Nesta análise, procuro fazer uma reflexão que permita compreender esta manifestação do ensino, bem como a maneira que a comunidade utiliza esse veículo.

Levantam-se, ainda, outros questionamentos tais como: qual a metodologia utilizada por esses profissionais para a transmissão do ensino musical? Qual o público alvo desse ensino? Qual a contribuição dessas iniciativas para a formação musical de pessoas que não tem acesso às instituições de ensino oficiais, seja pela distância dos centros acadêmicos ou por qualquer outra dificuldade.

Como estratégia de pesquisa, optei pelo estudo de caso, por ser uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto da vida real, sendo uma estratégia de pesquisa abrangente, pois trata da lógica no planejamento, das técnicas de coletas de dados e das abordagens específicas à análise dos mesmos. (YIN, 2005).

Como unidade de análise priorizei os integrantes da Banda Sinfônica que exercem a atividade docente nas escolas anexas a igrejas evangélicas. Essa escolha se deve ao fato de que 50% dos integrantes da Banda Sinfônica têm como atividade complementar à sua profissão o exercício da docência.

O método utilizado para a coleta de dados foi entrevistas semi-estruturadas, por ser mais adequada para chegar às informações-chave do informante, fornecendo ao pesquisador percepções e interpretações sobre o assunto, como também fazer com que o informante aponte fontes nas quais se podem buscar evidências corroborativas ou não. (YIN, 2005)

As entrevistas foram realizadas com seis integrantes da Banda Sinfônica do CFN, fazendo perguntas que visam traçar um perfil do entrevistado, no que diz respeito à sua formação musical, sua prática no ensino, o seu público alvo e os objetivos dos professores e dos alunos.

Nortearam as entrevistas três questionamentos básicos: porque ensina, para quem ensina, como ensina.

CAPÍTULO I

ENSINO MUSICAL EM BANDAS

O ensino musical em bandas foi objeto da Dissertação de Mestrado do professor Cristiano Siqueira Alves (1999), com enfoque no ensino da clarineta. Vamos levantar alguns pontos em que verificamos algumas referências de interesse do presente trabalho.

As bandas de músicas sempre estiveram relacionadas a comunidades específicas a qual estão inseridas, provendo meios para a divulgação da sua música e formação de novos músicos:

Tais organismos musicais encontram-se, geralmente, inseridos num contexto social específico, tais como escolas, igrejas, corporações militares entre outros. [...] a inserção da instituição banda de música no seio de comunidades específicas apresenta-se como um fator significativo para a manutenção e bom funcionamento das mesmas (ALVES, 1999, p.6).

Integrando-se a instituições sociais, a banda encontra um meio para viabilizar a sua manutenção e subsistência. A sociedade se beneficia desta associação porque consegue manter em seu meio um organismo musical que integra a comunidade e proporciona uma saída para a ausência de atividade musical e principalmente ausência de escolas de música que intentem formar músicos que não têm qualquer iniciação nessa área.

Quando a banda de música funciona em colégios e igrejas, por exemplo, um número bantante expressivo de pessoas já tomam conhecimento deste trabalho e o fato de já fazerem parte da referida comunidade, representam desta maneira um público alvo em potencial, podendo proporcionar assim, um número considerável de alunos para estas instituições (ALVES, 1999, p.8)

Portanto, podemos considerar a banda de música como o agente aglutinador da educação musical em áreas onde há uma grande carência de instituições oficiais de ensino da música, que priorizem a formação musical de músicos iniciantes.

1.1 Relação entre a educação musical e a banda de música

Através da atividade da banda de música no seio dessa comunidade, o trabalho tem uma divulgação bastante importante, tanto para a sua sobrevivência como estrutura organizacional do ensino musical, quando para manter a atividade musical na sociedade em que está inserida.

Esta relação foi constatada nas entrevistas em que realizamos com os professores das escolas de música anexas às igrejas evangélicas Assembléia de Deus.

As consequências dessa relação vem beneficiar muito o ensino de um instrumento por um aluno iniciante que, de outro modo, jamais conseguiria ter contato com esse universo musical. A banda vai propiciar a este aluno acesso ao instrumento e material didático sem nenhum ônus. O instrumento é cedido ao aprendiz por empréstimo, participando das aulas individuais e coletivas, ou de graça ou pagando um valor simbólico que ele possa pagar.

O coletivismo em que esse aluno é inserido vai influenciá-lo de maneira positiva para que ele possa um dia vir à torna-se igual aos seus pares da banda. Sendo assim, podemos dizer que a banda exerce uma função social de grande importância, já que proporciona ao aluno um meio de ascender socialmente através da aquisição de uma profissão. Isso nos remete ao caráter socializante da educação enfatizada pela LDBN, quando diz que “A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e á prática social”. (LDBN, título I, Art. I parágrafo 2^a)

O ensino musical em bandas, principalmente as anexas às igrejas, não privilegia somente formar o músico e futuro profissional, mas também desenvolver procedimentos, atitudes e posicionamentos que esse grupo considera como corretos e de grande importância:

[...] à medida que o aprendizado em bandas de música envolve, não apenas aulas de música, desenvolvendo também um constante propósito de conceber imagens, conceitos, ideais e posicionamentos diante do propósito do estudo em si, adquirindo experiências concernentes a diversos aspectos[...] desenvolve-se os propósitos, os meios, as situações e a direção rumo à constituição de uma mentalidade, de um caráter, como revela a essência do ideal de formação. (ALVES, 1999, P.15)

1.2 A relação das Bandas Civis e Militares

A formação do músico no seio da banda de música da igreja e seu posterior encaminhamento para o mercado de trabalho militar, é uma constante nessas comunidades, principalmente pelo fato da banda militar proporcionar uma profissionalização através de remuneração fixa:

Desde o início estabelece um processo dialético e de interdependência entre civis e militares que dura até os dias atuais. É proporcionado um curioso sistema de trocas onde de um lado músicos iniciam sua aprendizagem musical nas banda civis e mais adiante procuram as corporações militares querendo atuar em sua bandas de música, visando um emprego seguro nas carreiras militares alcançando melhores condições financeiras. (TOLEDO, 1999, p.14)

Verificamos um ciclo que liga a banda de música civil e a banda de música militar, em que essas duas organizações se nutrem e interagem de forma que mantenha a estrutura de ambas. Após esse músico se tornar militar, ele procura a instituição à qual pertencia para dar continuidade ao ciclo que o formou:

mais tarde ao se formarem voltam as suas bandas civis de origem para reforçá-las como instrumentistas ou mestres [...] hoje em dia podemos verificar, que ex-alunos de bandas civis que atuam nas bandas militares, continuam dando apoio a sua banda de origem mesmo sem estar formado. (TOLEDO, 1999, p.15)

Portanto, essa relação cíclica, em que o músico militar que foi aluno da banda de música da igreja, volta para o convívio de sua formação, com o objetivo de enveredar novos alunos no mesmo caminho trilhado por ele, é um fato constante verificado nos entrevistados da presente pesquisa.

As bandas civis, incluindo as citadas no presente trabalho, constituem-se em organizações privadas, que estão inseridas na sociedade da igreja, como instituições filantrópicas. Nesse contexto, a banda de música da igreja é mantida e financiada pela igreja, que tem um grande interesse em manter essa estrutura no seu convívio, para suprir a necessidade de música em seus cultos e reuniões.

1.3 Os Saberes do Professor de Música

Observa-se que as bandas de música estão diretamente relacionadas com atividade educativa do ensino da música e que o professor que ali está exercendo a atividade docente, sem muitas vezes perceber que o está desempenhando, é o agente catalisador de todo o processo educativo.

O espaço da universidade não é o único para a formação do professor de música. Quando falamos em bandas de música isso se torna evidente, já que a grande maioria desses professores não foram formados nas instituições oficiais de ensino. Isso é uma realidade para os alunos de escolas desvinculadas do ensino oficial, como bem exemplifica Souza (2001, p.85):

A tarefa de ensinar e aprender música já não é exclusividade da escola. Crianças e jovens talvez ‘aprendam’ música, hoje, mais em seus ambientes extra-escolares do que em escolas propriamente ditas... até mesmo a profissionalização ou formação de professores de música tem se realizado em espaços antes nunca pensados.

Os professores e os alunos atuantes em bandas de músicas são o exemplo desse novo espaço em que a formação e profissionalização, tanto do professor de música como de músicos, é realizada no espaço em que a banda de música está inserida.

No caso específico da educação musical, a formação deste professor que está atuando em bandas de música terá uma íntima ligação com os saberes que ele dispõe. Esses saberes vão estar diretamente vinculados à sua formação musical e com o que ele aprendeu quando aluno:

[...] uma boa parte do que os professores sabem sobre o ensino, sobre os papéis do professor e sobre como ensinar provém de sua própria história de vida, e sobretudo de sua história de vida escolar. (TARDIFF, 2000)

Luckesi (1994, P.134), afirma ainda que “com a identificação dos conteúdos de uma prática escolar, identifica-se também a direção pedagógica que predomina nessa prática”

Portanto, na presente pesquisa procuramos também identificar quais os conteúdos ou saberes que esse professor aplica ao seu ensino.

Os professores de música que atuam em nichos em que há bandas de música são trabalhadores que foram mergulhados em seu espaço de trabalho por uma carência de profissionais nessa área. Na maioria das vezes, sua prática de ensino estará vinculada às necessidades e objetivos dos seus alunos.

Não podemos nos esquecer que a delimitação do espaço onde o professor atua vai influenciar imensamente a sua formação e direcionamento da aplicação do seu ensino. A delimitação desse espaços, que são reconhecidamente constituídos como fenômenos social complexos, aos quais o professor estará inserido, será de grande proveito para entendermos a lógica da as formação e transmissão do conhecimento:

Nossa forma de desenhar os nossos espaços tem consequências fundamentais com relação a como nós nos definimos a nós mesmos. Os seres humanos constituem e ocupam espaços sociais. Eles definem os limites de seus espaços sociais e físicos e estes, por sua vez, nos definem. (HAERGREAVES, p. 120)

Assim sendo, teremos que analisar o nicho social em que esse professor está inserido para melhor compreender a sua prática de ensino e como essa prática se relaciona com a sua formação, os seus objetivos, e as aspirações dos seus alunos.

A relação assimétrica do ensino consiste no desejo do aluno querer torna-se como o seu professor e que esse professor aponte os caminhos que levam a esse objetivo, como mostra Reboul (2000, p 105):

[...] o verdadeiro professor nunca dissimula sua retórica; ao contrário, ensina os procedimentos retóricos que possibilitam ensinar, e leva assim os alunos a tornar-se mestres no assunto. O ensino é, pois, uma relação assimétrica que trabalha por sua abolição, para que o aluno se torne, se possível, igual ao mestre.

A prática do ensino musical dos professores de música da Banda Sinfônica do CFN, a qual o presente trabalho investigou, está coerente com essa visão da pedagogia como mostraremos no desenvolvimento da pesquisa a seguir.

CAPÍTULO II

O ESTUDO DE CASO

Como estratégia de pesquisa, optei pelo estudo de caso, por ser uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do contexto da vida real, sendo uma estratégia de pesquisa abrangente, pois trata da lógica no planejamento, das técnicas de coletas de dados e das abordagens específicas à análise dos mesmos (YIN, 2005)

Os integrantes da Banda Sinfônica que exercem a atividade docente são a unidade de análise da pesquisa. O método utilizado para a coleta de dados foi entrevistas semi-estruturadas, por ser o mais adequado para chegar às informações-chave do informante, fornecendo ao pesquisador percepções e interpretações sobre o assunto, como também fazer com que o informante aponte fontes nas quais se podem buscar evidências corroborativas ou não.

2.1 A escolha da Unidade de Análise

Observando o cotidiano dos integrantes da Banda Sinfônica do CFN, pude perceber que alguns dos meus colegas de trabalho se dedicavam ao ensino da música nos finais de semana. Esse fato me chamou a atenção porque sei da dificuldade de encontrar tempo para exercer atividades paralelas ao cotidiano da banda de música.

Decidi por realizar uma estatística para averiguar qual seria a porcentagem dos músicos da Banda Sinfônica do CFN que realizavam a prática do ensino musical nos horários livres e constatei que 50% dos integrantes da Banda participavam ativamente de alguma atividade do ensino musical, seja ele através da regência de coros e grupos

instrumentais, do ensino específico de um instrumento, ou através da organização e participação em uma escola de música.

A partir da constatação desse fato escolhi dois integrantes da Banda que estavam diretamente ligados a mim por laços de amizade e que seriam inicialmente entrevistados para o estudo de caso, mas ao realizar as entrevistas constatei um outro fato que chamou muito a minha atenção: os dois militares exerciam a docência em escolas anexas à igreja evangélica Assembléia de Deus e a prática instrumental dos integrantes dessas escolas acontecia nas bandas que estavam inseridas nessas igrejas.

Apesar de ser de conhecimento geral do nosso meio que as igrejas evangélicas possuíam grupos instrumentais, vocais e bandas de músicas em sua estrutura musical, decidi por averiguar se esta prática de ter escolas de músicas anexas a igrejas com bandas de músicas era uma constante e qual seria a relação desse fato com a prática de ensino dos integrantes da Banda Sinfônica do Corpo de Fuzileiros Navais.

Em princípio resolvi fazer o levantamento do senso religioso da Banda Sinfônica¹, e constatei que aproximadamente 50% dos integrantes da Banda eram evangélicos pertencentes à religião assembléia de Deus.

Constatado esse fato, resolvi entrevistar militares da religião Assembléia de Deus que exerciam a atividade docente em escolas de músicas anexas às igrejas.²

Começando pelos músicos militares que já havia entrevistado, fui levado aos outros informantes pela indicação do atual entrevistado, que tinha conhecimento da atividade docente, musical e religiosa dos outros integrantes da Banda Sinfônica dos Fuzileiros Navais.

Esse direcionamento foi bastante importante para a presente pesquisa, pois foi evidenciado um ciclo que ligavam esses militares, como professores e alunos de futuros

¹ TABELA 3

² TABELA 1

professores, que agora estavam exercendo a mesma profissão, na mesma instituição militar, e praticando a docência no mesmo nicho social.

2.2 Roteiro da Entrevistas.

As entrevistas foram realizadas com seis integrantes da Banda Sinfônica do CFN, fazendo perguntas que visam traçar um perfil do entrevistado, no que diz respeito à sua formação musical, sua prática de ensino, o seu público alvo e os objetivos dos professores e dos alunos.

Nortearam as entrevistas três questionamentos básicos: porque ensina, para quem ensina, como ensina.

2.3 Caracterização dos Entrevistados

Foram entrevistados seis militares que exercem a função de professores músicos, passo a chamá-los de professores músicos militares (PMM)³, eles estão na faixa etária de 29 a 45 anos, e o seu tempo de efetivo serviço nas Bandas de Música da Marinha é entre 11 e 28 anos, excetuando o PMM-E, que pertence à religião Metodista, todos os outros são membros da Igreja Assembléia de Deus, todos lecionam nas escolas de música anexas às igrejas, excetuando o PMM-E que começou a sua docência em uma escola de música formada em casa, todos lecionam nos finais de semana.

O PMM-E é o informante contrastante da atual pesquisa, que tem como principal diferencial, pertencer a outra religião que não possui a tradição de manter bandas de música, com formação das bandas de músicas militares, ou escolas anexas aos seus templos.

³ TABELA 1

A formação musical de todos os entrevistados foi com professores músicos militares, estudando instrumentos característicos de bandas de música. Perguntados se possuíam músicos que haviam tido a sua formação musical com eles e que estão hoje atuando em banda militares, todos responderam que sim e deram exemplos.

2.4 Resultados das Entrevistas

O que pude observar, entre outros aspectos, é que a atividade docente do músico professor militar está diretamente ligada às escolas de música anexas às igrejas evangélicas da religião Assembléia de Deus. No começo pensei se tratar de um fato isolado, mas no desenrolar das entrevistas percebi que é uma prática uniforme e bem estruturada, sendo uma tradição para a igreja Assembléia de Deus ter bandas de música em seus templos, assim como escolas de música. Essa relação é intimamente ligada às tradições da igreja, de forma que quando seus membros são movimentados pela Marinha do Brasil para outros estados, logo trabalham para que a banda e a escola sejam implantadas nos templos em que não observam essa prática, de maneira que a influência desse ensino é difundida em lugares bastante distantes do Rio de Janeiro, como em Manaus-AM ou Corumbá-MS, através desses professores músicos militares.

O informante PMM-E, caracterizado como o entrevistado contrastante dos outros, tanto na sua formação musical quanto na sua prática docente, tem como principal fato de diferenciação não pertencer à religião Assembléia de Deus. Portanto, esse fato só vem evidenciar que a prática da manutenção das escolas de música e bandas anexas às igrejas evangélicas é uma prática particularizada da Assembléia de Deus.

O próprio pesquisador do presente trabalho monográfico, pertence a uma religião evangélica em que esse fenômeno social inexistente.

A formação desse músico, que depois se tornou professor, se deu dentro da igreja, na escola de música anexa e mantida por ela, influenciado pelo ambiente musical ali presente, com bandas de música e conjuntos musicais. Sendo que a maioria dos componentes da banda de música da igreja, cerca de 80%, são militares das Forças Armadas, principalmente da Marinha do Brasil. Tal fato vai ser decisivo para a escolha do aluno e futuro professor ingressar nas fileiras das bandas militares.

Iniciaram sua atividade docente pela necessidade de dar continuidade ao ensino na escola de música da igreja e para manter a estrutura organizacional de música dentro da igreja. De forma que essa estrutura, composta pela banda de música e a escola, fosse preservada. Todos os entrevistados relataram que foram convidados, pelo pastor da igreja local, para assumir a posição de professor ou para dirigir a escola de música anexa à igreja.

Isto nos remete a um outro fato importante: numa banda de música em que 80% dos músicos são militares das forças armadas, e que possuem a mesma formação e estão inseridos no mesmo ambiente, quais foram os critérios adotados para a escolha desse Professor Músico Militar?

O modelo de metodologia empregada por esses professores nas suas aulas é similar ao que foi estruturado na sua formação musical: exposição de teoria musical e prática instrumental, utilizando os métodos de ensino de Maria Luiza de Mattos Priolli, Frederico Nascimento, Klosé e Amadeu Russo. Ou seja, prioriza-se a exposição de saberes factuais e conceituais isolados dos saberes procedimentais (COLLS & VALLS, 2000 citado por REQUIÃO, 2002 p. 11)

O conjunto de saberes empregados nas escolas de música anexas às igrejas evangélicas está diretamente ligado à estrutura do Concurso de Formação de Sargentos Músicos da Marinha e evidencia a intenção de formar um músico não somente para suprir a banda de música da igreja, mas também prepará-lo para o referido concurso.

O principal objetivo das escolas de música é o de suprir a necessidade de instrumentista na própria instituição religiosa.

Os alunos que procuram essas escolas são membros da igreja e os seus principais objetivos são tocar na banda de música da igreja e adquirir uma profissão com remuneração regular, ou seja, ser músico militar. Sendo assim, a prática de ensino desses professores músicos militares está direcionada para a formação de musicistas, com o objetivo de suprir as necessidades da banda da igreja e a aprovação desses alunos em concursos nas Organizações Militares a que se destinam. Isso vem esclarecer a importância de dar continuidade à metodologia empregada nas escolas de música da igreja, pelo fato de que a bibliografia e o repertório utilizados são cobrados nos concursos para ingresso nas bandas de música das Forças Armadas.

Esse universo em que está inserida a escola de música e a banda da igreja é formado, em sua grande maioria, por militares, também membros da igreja, que influenciam os estudantes a seguirem a carreira militar, ingressando nas bandas militares, da Marinha, do Exército, Aeronáutica e Corpo de Bombeiros.

O aprimoramento profissional desses músicos militares ocorre após ser alcançada a estabilidade financeira através do emprego nas forças armadas, em instituições oficiais de ensino. (UFRJ, UNIRIO, CBM)

Quando o músico militar procura a instituição oficial de ensino, ele já exerceu ou está exercendo a docência na música, já tem uma profissão como músico militar nas Forças Armadas, já passou por um processo de avaliação que legitimou o seu saber musical tanto na docência quanto como profissional músico executante.

CAPITULO III

CONCLUSÃO

Há uma estreita ligação entre a estrutura escolar-musical da banda de música da igreja e da organização militar e sua banda (repertório, prática de ensino, formação musical, regras de comportamento e interação social). Pode-se perceber que as duas instituições se completam numa simbiose perfeita, quanto aos seus processos de formação, preparo e avaliação dos músicos evangélicos e futuros militares. A prática instrumental, como se refere um dos entrevistados, não serve só para preparar o músico para tocar na banda da igreja, é também um estágio para a formação musical-militar futura e adaptação a um novo meio social, já que a hierarquia e disciplina, alicerces das forças armadas, estão presentes nas duas instituições.

A comparação entre as semelhanças da estrutura organizacional Marinha e da igreja evangélica foi constatada através de conversas informais com outros integrantes da Banda Sinfônica do CFN, membros da igreja evangélica Assembléia de Deus, que não tinham conhecimento da presente pesquisa. Uma comparação significativa e elucidativa foi feita por um desses militares da seguinte forma:

MARINHA	IGREJA
Comandante	Pastor
Oficiais	Pessoas que possuem cargos de destaque na igreja
Praças	Membros da igreja
Banda de música militar	Banda de música da igreja

Essas pessoas enfatizaram que a hierarquia e disciplina, alicerce das Forças Armadas, estavam presentes tanto na instituição militar como a religiosa, só que esta última não possuía mecanismos de repressão e punição praticados nas Organizações Militares

A inserção do aluno da escola de música da igreja numa coletividade, em que a maioria é músico militar, revela um importante aspecto social, fruto do convívio comunitário: uma postura respeitosa e de admiração para com os professores músicos militares, em que se almeja assemelhar-se a representação social da figura do indivíduo bem sucedido profissionalmente e religiosamente, pois é visto como um ‘abençoado’.

Os saberes profissionais difundidos pelo professor músico militar provêm da sua própria história de vida, de como vivenciou, enquanto aluno, os conhecimentos a ele passados, tornando a sua prática docente semelhante ao da sua iniciação musical como mostra TARDIF:

[...] uma boa parte do que os professores sabem sobre o ensino, sobre os papéis do professor e sobre como ensinar provém de sua própria história de vida, e sobretudo de sua história de vida escolar. (TARDIF, 2000)

A metodologia de ensino empregada nas escolas de música anexa às igrejas evangélicas é coerente para a comunidade, tanto da igreja como da Marinha e tornou-se, por isso, eficaz. O aluno quer ser igual ao professor e os professores músicos militares atuam para a concretização e perpetuação da estrutura que dá sentido as duas instituições: tanto a igreja como a Marinha, confirmando assim a visão da pedagogia de Reboul, quando diz que a relação assimétrica do ensino está no desejo do estudante querer ser como o professor (status social, econômico, musical...), e o (verdadeiro) professor dá todos os passos (percurso, caminho, trilha) para abolir a distância entre ele e o seu estudante:

[...] o verdadeiro professor nunca dissimula sua retórica; ao contrário, ensina os procedimentos retóricos que possibilitam ensinar, e leva assim os alunos a tornar-se mestres no assunto. O ensino é, pois, uma relação assimétrica que trabalha por sua abolição, para que o aluno se torne, se possível, igual ao mestre. (REBOUL, 2000)

As relações sociais desse grupo são legitimadas na formação dos novos músicos que vão percorrer o mesmo caminho trilhado por seus professores.

Estamos vivendo um momento, principalmente no campo das pesquisas em educação, em que os modelos ortodoxos de transmissão do conhecimento e suas propostas decorrentes, estão sendo reavaliados e colocados em 'Xeque'.

No campo da educação musical as propostas de Kodály para o canto e solfejo, a *rítmica* de Dalcroze, a vivência musical ligada às atividades de movimento e linguagem propostas por *Orff*, influenciaram e influenciam a pedagogia musical brasileira, tornando-se o novo paradigma de uma educação musical necessária e bem sucedida.

Nesse contexto encontramos um nicho social que necessita, para a sua perpetuação, da iniciação musical baseada nos modelos ortodoxos de transmissão do conhecimento, tanto combatidos nos meios das pesquisas acadêmicas, todavia de vital importância para a estruturação e funcionamento desse grupo, que se estende a todo o território nacional, pois a igreja está em todos os estados e municípios da federação e o concurso para formação de sargentos músicos fuzileiros navais é de âmbito nacional.

RECOMENDAÇÕES PARA ESTUDOS FUTUROS

Sugerimos que as seguintes questões possam nortear pesquisas futuras sobre o tema:

1 - Quais os critérios adotados pelos pastores das igrejas para a escolha do professor músico militar?;

2 - Porque o músico militar procura as instituições oficiais de ensino ?;

3 - Qual o perfil social, musical e psicológico almejado para ingresso nas bandas militares das forças Armadas? (Estudo sobre os processos de avaliação e seleção desses músicos);

4 – Quais as relações existentes entre o militarismo e a igreja; e

5 – Como o processo de ensino/aprendizagem musical é desenvolvido em outro nicho social, a Banda Marcial do Corpo de Fuzileiros Navais. Neste ambiente, ocorre processo diferenciado de ensino musical, supostamente através da oralidade, levantando-se a hipótese que faça parte da engrenagem detectada nas escolas de música anexas às igrejas evangélicas Assembléia de Deus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - ALVES, Cristiano Siqueira. Uma Proposta de Análise do Papel Formador Expresso em Bandas de Música com Enfoque no Ensino da Clarineta. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do rio de Janeiro, 1999.
- 2 - COLL, César & VALLS, Enric. A aprendizagem e o ensino dos procedimentos. In Coll, César et alli *Os conteúdos na reforma: ensino e aprendizagem de conceitos procedimentos e atitudes*. Porto Alegre : Artes Médicas, 2000, p. 73-118.
- 3 -HARGREAVES, A. Hacia uma Geografía de La Formación Docente. In: PERÉS GÓMES, A.; BARQUÌM RUIZ, J.; ANGULO RASCO, J.F. (ed): *Desarrollo profesional del docente: política, investigación e práctica*. Madrid: Akal. 1999. p. 119-145.
- 4 -Ministério Da Educação e Cultura (MEC). Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN) n.º 9,394, de 1996.
- 5 - REBOUL, Olivier. Introdução à Retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 105.
- 6 - SOUZA, J. Multiplos espaços e novas demandas profissionais: re-configurando o campo da Educação Musical. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 10., 2001, Uberlândia. *Anais...*Porto Alegre, 2001. p. 85-92.
- 7 – REQUIÃO, Luciana Pires de Sá. Saberes e competências das escolas de música antenativas: a atividade docente do músico-professor na formação profissional do músico. Rio de Janeiro/CLA, Mestrado em Música, 2002.
- 8 - TOLEDO, Marco Antonio. A importância da banda de música como formadora do músico profissional, enfocando os clarinetistas profissionais do Rio de Janeiro. Monografia (Graduação). Rio de Janeiro: Universidade do Rio de Janeiro, Instituto Villa-Lobos, 2003.

PRIMEIRAS OBSERVAÇÕES

LOCAL: EMC – ESCOLA DE MÚSICA CRISTÃ

PROFESSOR E COORDENADOR DO CURSO: MARCELO ABDON

A Escola de Música Cristã – EMC - foi fundada em 1997, pela iniciativa do Sr. Marcelo Abdon, e funciona anexa a instalação de uma Igreja Evangélica, da Assembléia de Deus. O principal objetivo da EMC, segundo o professor Marcelo, é suprir a necessidade funcional de músicos na igreja - incentivado pelos dirigentes, igreja e seus membros. A grande maioria dos alunos que buscam as aulas de música, é membro da própria igreja, sendo uma pequena porcentagem, composta pela comunidade local.

O método utilizado para a coleta dos dados abaixo mencionados foi à entrevista e a observação das aulas. Foram entrevistados: o coordenador da escola, que é integrante da Banda de Música do CFN, o pastor da igreja e alguns alunos. A pesquisa de campo me levou a conhecer de perto a prática da transmissão dos conteúdos musicais na EMC. Foram verificados vários aspectos em que a proposta de transmissão do conhecimento musical prioriza a racionalização.

AULAS TEÓRICAS

A abordagem dos princípios elementares da música recebe o nome de teoria musical e traça como o objetivo o conhecimento teórico e racional dos conteúdos do

livro de teoria musical de Maria Luíza de Mattos Priolli -Editora Casa Oliveira e Músicas LTDA – como descreve o professor Marcelo:

“Um aluno que chega para aprender música na EMC sem nenhum conhecimento musical, passa a freqüentar as aulas de teoria musical aos sábados, que tem como metodologia à exposição oral dos princípios do livro de Maria Luíza de Matos Priolli, utilizo esse método por vários motivos: a grande maioria dos alunos tem maior facilidade para conseguir o livro ou emprestado ou uma cópia, e a igreja possui vários exemplares, que são distribuídos para os alunos bolsistas, isso sem mencionar o Concurso para Sargentos Músicos das Bandas da Marinha que tem como bibliografia para teoria musical o livro da Priolli, sendo que uma parte de nossos alunos pretendem prestar prova para a Marinha.”

Como o objetivo da escola é suprir a igreja de músicos, todos os exemplos e lições encaminhadas para os alunos são do repertório das músicas executadas nos cultos e reuniões da própria igreja. O material utilizado para a aula é um quadro negro pautado, umas varetas parecidas com baquetas para bateristas e um teclado. A forma de exposição baseia-se na exposição oral do método e exemplificação, ora no quadro negro, ora utilizando-se das baquetas para demonstrar um ritmo, e às vezes tocados no teclado quando se trata de um exemplo melódico ou harmônico. Mas como o próprio professor afirma que *“quem quer estudar música quer tirar som”*, essas aulas ficam limitadas a uma exposição superficial da teoria musical, servindo como uma *“peneira”* para os alunos que verdadeiramente se interessam para o estudo da música, os que conseguem gostar e permanecer nas aulas de teoria, são encaminhados para o professor de aula prática no instrumento, ou seja, as aulas de teoria servem para um primeiro contato com o universo musical.

“As aulas de teoria servem como um mecanismo de avaliação se o aluno está mesmo querendo estudar música ou só está ali para passar o tempo ou porque acha bonito tocar. Nesse primeiro contato também avaliamos quem tem vocação para o estudo da música e quem possui apenas o talento, mas não tem a pretensão de desenvolver-lo.”

A escola oferece bolsas de estudo para os interessados que não tem como pagar as aulas, havendo uma seleção para tal:

“A avaliação para a obtenção das bolsas consiste em um teste em que se leva em consideração se o aluno tem bom ouvido, se é afinado, se tem boa leitura rítmica e melódica e se realmente possui vocação para o estudo da música.”

A avaliação consiste em um ditado rítmico, outro melódico, e um solfejo, seguido da execução de um hino ao piano, onde o avaliado tem que cantar uma melodia que esteja combinando com a harmonia dada. Portanto os candidatos têm que possuir um conhecimento prévio de música.

Perguntado sobre o que seria a *vocação para o estudo da música*, o professor Marcelo disse que existe uma grande diferença entre o *vocacionado para o estudo da música* e o *talentoso*:

“. o vocacionado é aquele que não tem um grande talento inato para a música, mas possui alguma habilidade e descobre que é capaz de desenvolver, com grande progresso, mediante muito esforço, dedicação e estudo dirigido por um professor, suas habilidades até chegar a um patamar considerado satisfatório. Diferentemente, o talentoso, possui uma grande facilidade para a música, toca de ouvido, executa virtuosamente o seu instrumento, mas se ele não possuir vocação para a música nunca irá verdadeiramente se dedicar ao ministério da música, ele é desprovido da disposição inata para o desenvolvimento, aprofundamento, técnico e profissional da sua habilidade natural.”

Porém, segundo ele, uma posição não anula a outra, poderíamos ter vocacionados talentosos, como talentosos não vocacionados, ou ainda aqueles que não possuíam nem um nem outro, simplesmente não tinham o dom para a música, devendo se dedicar a uma outra atividade em que o seu talento inato e vocação fossem descobertos:

“vou dar um exemplo: havia um aluno que entregava as lições do método de divisão com alguma precisão, porém em andamento lento, conseguia executar, alguma leitura básica em partituras que possuem intervalos não muito distantes e divisões até colcheia pontuadas, quando perguntado se ele havia estudado as lições traçadas para a semana respondia que apenas havia dado uma olhadinha, porque durante a semana tinha sempre muitos trabalhos da escola para fazer e na hora das lições estava cansado. Após alguns meses o professor, exercendo uma certa pressão sobre ele, percebeu que ele piorava a cada semana levando a tomar a decisão de devolver o instrumento e abandonar a bolsa, afirmando que estava enfadado, que demorava muito para aprender etc,....se um aluno que dá uma olhadinha na lição e consegue dividi-la muito bem, obviamente ele possui o talento para a música, mas não se interessa muito, talentoso ele é, mas sem a vocação para o estudo da música.”

Então, segundo o professor Marcelo, existiam pessoas que possuíam talento para a música, mas não desenvolviam, e pessoas que não tinham grande talento, mas possuíam vocação para o estudo da música, o que fazia deles o perfil ideal de alunos para a escola, sendo laureados com a bolsa de estudo. E ainda havia os que não possuíam nenhum talento nem vocação para o estudo da música e que deveriam ser encaixados em uma outra atividade.

AULAS PRÁTICAS DE PIANO

Quanto às aulas práticas a escola possui professores de canto, piano, teclado e violão, limitamos este estudo à observação das aulas práticas de piano direcionadas aos alunos iniciantes, sendo verificado que o professor utiliza o método *Meu Piano é Divertido* vol I de Alice G. Botelho e *A Dose do Dia*, autora Edina Mãe Burnann. Não nos prendemos a análise desses métodos mais a maneira como eram ministrados pelo professor aos alunos e qual a abordagem pedagógica aplicada. Foram ministradas aulas individuais de 50 minutos para cada aluno. A aula consistia em executar as lições dos métodos de forma seqüencial e progressiva, o professor sugeria em alguns momentos a correção do andamento, de alguma nota errada e de acento e depois exemplificava, tocando, como deveria ser a melhor forma de executar-se a lição. Normalmente, as lições do método de Alice G. Botelho, contem acompanhamentos para o professor executar junto com o aluno, piano a quatro mãos, sendo que o professor só executava a sua parte após o aluno estar muito seguro da sua.

O método *A Dose do Dia* consiste em exercícios diários a serem executados, segundo o professor, antes de qualquer atividade ao piano, como uma forma de aquecimento para os dedos. O referido método era o primeiro a ser executado na aula, seguindo-se do método *Meu Piano é Divertido*. Também observamos que o professor de piano procurava induzir o aluno a tocar as lições dos métodos a primeira vista na sala de aula, mesmo que em andamento lento ou sem nenhum andamento, para depois serem trabalhadas em casa e trazidas prontas na aula seguinte.

ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES MÚSICOS MILITARES

**PRIMEIRO ENTREVISTADO: PMM - A
POSTO/GRAD: SEGUNDO SARGENTO FUZILEIRO NAVAL MÚSICO**

**ESCOLA DE MÚSICA CRISTÃ - ANEXA A IGREJA ASSEMBLÉIA DE DEUS
DE JACAREPAGUÁ**

COMO FOI A SUA FORMAÇÃO MUSICAL?

A minha formação musical foi na igreja, aprendendo com o pessoal que não tinha a formação musical superior...primeiro tinha aquele período maçante de teoria, depois pegar no instrumento, isso fez com que alguns alunos da minha época, de uma turma de 60 alunos, tivessem pouco aproveitamento. Da quantidade de alunos que pudessem mais tarde progredir, que eu me lembre só uns 6 hoje ainda tocam.

O QUE VC ESTUDOU? QUAL FOI O INSTRUMENTO?

Sempre estudei saxofone, eu me arrependo de não ter começado por um instrumento de base, porque eles te dão uma panorâmica maior com relação à harmonia e auxilia agente no sentido prático daquilo que se estuda na teoria.

O QUE VOCÊ CHAMA DE INSTRUMENTO BASE?

Teclado, violão, instrumento de harmonia em geral.

MAS VC ESTUDOU COM QUEM? O QUE O PROFESSOR ENSINAVA?

Eu comecei estudando com um professor de teoria primeiro, ele dava teoria para todo mundo, depois fui encaminhado para um professor específico no instrumento de saxofone. Na época, eu me lembro, eram músicos de Bandas Militares, assim como hoje, a maioria dos professores da igreja.

QUAIS ERAM OS TEUS OBJETIVOS COMO ALUNO? PORQUE PROCUROU A ESCOLA?

O objetivo inicial era tocar na igreja, tinha uma banda lá, eu achava muito legal, com o decorrer do estudo fui amadurecendo a idéia de entrar em uma Banda Militar, na verdade, hoje vejo que estava me espelhando nos meus professores e na galera que tocava na banda da igreja, a maioria era militar. Eu só tive um professor na igreja que não era militar, era o Marcio do saxofone, agora a maioria dos professores que ensinavam naquela época e hoje, uns 90 %, são militares.

E DESSE PESSOAL QUE ESTUDOU CONTIGO, TEVE ALGUM QUE ENTROU PRA MARINHA OU OUTRAS BANDAS MILITARES?

Olha da minha época, só 3, eu e mais dois, isso do pessoal que tocava na banda da igreja, tínhamos muita gente com a intenção de entrar, mas a grande maioria já tinha estourado o limite de idade, outros não entraram porque não era o objetivo ou já tinham uma profissão definida.

COMO FOI PRA VOCÊ COMEÇAR A DAR AULAS ? O QUE TE LEVOU PRA ESSE CAMINHO?

A minha geração, que poderia hoje substituir os professores do passado, não se encontra disponível, alguns não se atualizaram. Lá na igreja existe um déficit de professores. Fui convidado e me coloquei a disposição pra formar uma turma, inicialmente fiz uma inicialização musical com flauta doce e depois, quando teve dinheiro para comprar instrumentos, distribui cada um nos instrumentos que a igreja tinha necessidade para manter a banda equilibrada e depois pela escolha do aluno, mas a distribuição foi feita pelo critério básico de necessidade de instrumentos na igreja e depois, havendo disponibilidade, pelo gosto do aluno.

Então eu comecei a dar aulas pela necessidade de formação de instrumentistas dentro da igreja, hoje eu estou como coordenador da EMC, e eu sei que não existe uma outra maneira de você ter músicos na igreja senão formando na própria igreja, porque quem já toca, e tem um trabalho estruturado em algum outro lugar, não tem tanta paciência de se misturar com alunos. Mas quando você pega todo um pessoal do zero e vai desenvolvendo um trabalho de maneira igualitária, você não tem o sentimento de frustração de um aluno ver o outro tocando enquanto ele não toca, porque todos estão progredindo indiferentemente da capacidade musical de cada um, que é distinta, mas que estão progredindo praticamente no mesmo passo.

QUAL OS INSTRUMENTOS QUE ELES ESTUDAM?

A maioria instrumentos de sopros, que vão ser aproveitados na banda da igreja e se for da vontade deles, entrar para bandas militares.

QUAL OS OBJETIVOS DOS TEUS ALUNOS AO ESTUDAREM MÚSICA NA EMC?

Os objetivos são muito próximos, a maioria pensa em trabalhar profissionalmente com música. Eu não sei se isso é bom ou ruim, mas de certo forma o professor serve de espelho, eu sou de banda militar e isso enche os olhos deles, já que tem o lance da estabilidade e tal. Mas eu procuro orientar para que eles não procurem exatamente banda militar, porque com certeza existe lá fora um horizonte bem mais amplo a nível musical na esfera profissional. Mas a grande maioria tem esse objetivo, embora eu procure de uma forma ou de outra desviar esse objetivo, procurando deixar para eles a música numa visão, não no sentido profissional, e sim como hobby e no caso da igreja como um Ministério.

Eu procuro incentivar não só a parte musical profissional, como das outras áreas também, para que estudem para prestarem concursos nessas outras áreas. Prefiro que eles encarem a música como uma segunda opção de objetivo profissional, porque a maioria é adolescente e tem muita coisa pela frente.

ELES CHEGAM NA EMC QUERENDO O QUE??

Eles observam os músicos tocando na igreja, acham bonito e querem tocar igual ao irmão que está lá. Com certeza a banda é um chamariz para a escola.

TEM ALGUÉM DA MARINHA OU DE OUTRA BANDA MILITAR NA BANDA DA IGREJA?

Tem sim, vários sargentos, cabos e suboficiais, e também tem músico amador. Com certeza a experiência em bandas militares serve como um espelho para os novos alunos, a vida militar oferece uma renda mensal e estabilidade e isso com certeza é um grande atrativo.

VOCÊ DÁ AULAS DE SAXOFONE?

Sim, mas não estou dando aulas de sax, no momento estou na coordenação do curso. Dou aulas de teoria para os que estão iniciando. Eu não tenho pressa quanto à teoria, depois que eu musicalizo o aluno para reconhecer a estrutura básica de uma partitura, à parte do ABC musical, o aluno já vai pegar no instrumento e paralelamente vou cobrando leitura rítmica de cada um, na verdade o que o aluno quer é tirar som, então não adianta ficar enchendo o aluno de teoria.

VOCÊ JÁ FALOU UM POUCO SOBRE COMO DESENVOLVE AS SUAS AULAS, COMO FAZ COM UM ALUNO QUE CHEGA HOJE NA EMC?

Na verdade eu fico com a parte administrativa, mas também sou responsável para analisar o desenvolvimento do aluno, transmitir as aulas de teoria, cobrar deles as aulas de leitura rítmica e encaminha-los para os professores no instrumento. Sempre no fim do dia reúno todos os alunos do sopro para fazer prática de orquestra, ali eu consigo captar o desenvolvimento prático de cada um.

É uma forma também de eu aplicar os conhecimentos da aula de teoria, alguma dúvida que exista na partitura eu os levo a teoria: “olha, lembra daquela matéria que eu falei, ou, isso aqui vocês não viram ainda” ex: esse primeiro “O” que aparece aqui é o “O” interno, quando tem isso tem o outro O que chamamos de “O” externo.. e por aí vai. Às vezes surgem matérias que agente não viu, mas na prática vou antecipando e mostrando como se executa.

QUANDO O ALUNO SE INTERESSA A INGRESSAR EM UMA BANDA MILITAR, HÁ ALGUM DIRECIONAMENTO DE ESTUDO ?

A preparação teórica e prática é normal. É para realmente transmitir o conhecimento ao aluno independente do que ele vá fazer no futuro ou não, porque não adianta passar por cima de uma matéria, fazer de conta que o aluno entendeu, só porque futuramente ele possa não ter um objetivo mais sério com a música.

É como eu falei com você, eu não tenho pressa com teoria, vou transmitindo de uma maneira bem tranquila e objetiva. Por exemplo: quando você estuda tetracorde, agente sabe que para descobrir a tonalidade, a ordem dos sustenidos, fá, do, sol, re, lá, mi, si. Tem um outro meio para se descobrir isso, pode-se analisar porque existe essa

ordem através dos tetracordes e ciclos das quintas, isso vai dar um subsídio para que o aluno reconheça todos os caminhos que levam ao conhecimento das ordens dos bemóis e sustenidos, e por aí vai...

VOCÊ TEM ALGUM ALUNO SEU QUE PASSOU EM ALGUMA PROVA?

Não ainda não, apesar de o curso ter sido fundado em 1997, ele passou por vários períodos de dificuldades e, na verdade, só funciona efetivamente há um ano e meio, passamos por várias reformulações para poder funcionar direito, dando maior subsídios para professores e alunos, é tudo muito recente. A música é uma arte que exige muito de nós, só se consegue alguma coisa, efetivamente, depois de um certo tempo, principalmente na questão da técnica, não é do dia pra noite, mas estamos no caminho.

A PARTIR DE QUE MOMENTO O ALUNO NOVATO É ENCAMINHADO PARA A BANDA DA IGREJA?

Existem arranjos específicos, aonde eu coloco todos os alunos tocando junto com a base, esses arranjos são feitos de acordo com a habilidade técnica do aluno, se o meu trompete ainda não tira o si 3, eu peço que o arranjo seja adaptado com a nota que ele alcança, e assim ocorre com os demais instrumentos. Agora, mesmo que ele não esteja “vencendo” por completo a partitura, é importante pra ele se sentir valorizado, estar tocando com a banda.

Existe um perigo nisso, o de ele se sentir de maneira confortável, no meio dos outros músicos mais experientes, mesmo não tocando; aí tem que ter um policiamento e uma conscientização para que ele entenda que está no meio tocando já com outros mais habilitados, mas não significa dizer que ele está afinado, com a embocadura correta, articulando bem, executando a dinâmica corretamente...às vezes muita coisa ainda há para ser feita, então é importante colocar o aluno no meio, mas também é importante conscientiza-lo que aquele meio que ele está, ainda um pouco estranho pra ele, e que muita coisa precisa ser conquistada.

QUAIS OS TEUS OBJETIVOS EM EDUCAÇÃO MUSICAL?

Olha, eu não vou negar que existe aí uma compensação financeira, porque eu parto do seguinte princípio: se não houver um sacrifício por parte do aluno, dificilmente ele vai valorizar aquilo. Mas é claro que isso não é regra, tem exceções, eu tenho alunos que querem muito e são pessoas humildes e que a igreja e a escola banca todas as necessidades e dificuldades do aluno, que vai do instrumento, seu reparo, lubrificante, cortiças, até palhetas. Em geral eu não abro mão, de certa forma eu procuro ver quanto é que o aluno pode pagar, mesmo que seja o mínimo (R\$5,00), para que o aluno tendo o sacrifício financeiro e que ele possa de uma certa forma ele possa valorizar.

Agora o mais importante é você entrar na vida da pessoa e marcar essa vida. eu me lembro perfeitamente das minhas primeiras aulas de música, dos meus primeiros professores, que foram pessoas que entraram na minha vida e que de uma certa forma mudaram a história da minha vida. hoje a música é o meu sustento e profissão. Isso não tem preço, é uma recompensa muito grande.

Um dia eu posso estar em outro lugar e esses alunos se espalharem aí pelos outros cantos do país ou mesmo do estado e vão levar na memória os momentos

inesquecíveis do primeiro professor, das primeiras notas, primeiros ensaios, das primeiras horas de música, isso aí ele leva consigo até a morte, e sem falar na consequência de mais tarde ele se tornar professor, agente não forma só o músico, mas vai formando uma mentalidade, vai formando um outro professor, vai formando, vamos dizer assim um discípulo. São coisas que dinheiro nenhum paga. Tem uma frase que diz que o aprendizado influencia na mudança de comportamento, toda a vez que nos aprendemos alguma coisa, nos mudamos ou moldamos o nosso comportamento aquilo que nos aprendemos.

VOCÊ TEM ALGUM EXEMPLO?

Sim, eu tenho lá na igreja dois irmãos que começaram a estudar em 1998 estudando trompete, um desistiu e partiu pro contrabaixo, hoje ele é um excelente baixista, lê tudo; o outro irmão que continua no trompete, foi primeiro trompete lá na igreja, fez concurso pra marinha, passou, mas não foi classificado por questão de vaga, o dois me ajudam de maneira muito efetiva. Na minha ausência ele assume, ensaia o pessoal e toma a frente e vai desenvolvendo as atividades. Fico muito contente e considero isso uma herança positiva.

ENTREVISTADO: PMM - B

POSTO/GRAD: SUBOFICIAL FUZILEIRO NAVAL MÚSICO

ESCOLA DE MÚSICA ANEXA A IGREJA ASSEMBLÉIA DE DEUS DE FONSECA - NITERÓI

COMO FOI A TUA FORMAÇÃO COMO MÚSICO?

Eu comecei a estudar musica na igreja, lá tinha um Suboficial que dava aulas, comecei a estudar com ele o *b-a-bá*, os métodos que ele usava era o do Frederico Nascimento e da Maria Luíza de Matos Priolli, dali eu fui me aperfeiçoando e logo começou a abrir os concursos para a Marinha e ele começou a incentivar a gente, "*faça a prova*", agente então começou a estudar o método com ele, eu estudava trompete.

Ele dava, paralelamente, a teoria com a prática e isso foi fazendo com que agente tomasse gosto e se empenhasse mais em aprender. E aí agente foi crescendo, veio o concurso, agente comprou os livros e começamos a *queimar* (estudar em gíria de marinha), ele ajudou tirando todas as dúvidas. Passamos na prova, começamos a estudar (já na escola de música da marinha) e quando eu me formei sargento aí que começou então ao meu aperfeiçoamento no naipe, eu fui estudar na Escola de Música (UFRJ), mas a minha base foi à igreja.

QUAL ERA A FORMAÇÃO DO TEU PROFESSOR?

Ele era músico da Marinha, ele tocava clarinete na Banda Sinfônica, era primeiro clarinete e aprendeu também na igreja, só que lá em Belém, com outro militar, só que dá Banda de Música da Aeronáutica que ensinou pra ele. Sempre vem uma escadinha nessa história... com isso eu me formei, saí sargento, formamos uma escolinha de música também igreja, e hoje já tem músicos, gente formada tocando na

Banda Sinfônica da Marinha, na Banda do Exército e na Banda da Aeronáutica em Brasília.

ONDE VOCÊ APRENDEU COM ELE, ERA UMA ESCOLA...

Começamos na igreja, no arquivo da banda. Ele formou uma escola a partir do anúncio para a igreja que queria ensinar música..e dali ele formou uma escolinha, agente não pagava nada, estudava de graça, só pelo amor mesmo de aprender música para tocar na igreja; o objetivo principal era aprender música para tocar na igreja. Havia uma banda na igreja, muito grande, nós tocávamos peças como *elegia da alma*, *Sinfonia Pátria*...eram músicas nacionais que agente tocava, muito boas, tocava também *O Guarany*.

TINHA MILITAR NESSA BANDA?

No principio não, depois que começou a ter, depois que começou a formar, era uma banda civil, mas ai os jovens começaram a fazer concurso para o Exército, Marinha e Aeronáutica, mais para a Marinha.

VOCÊ ESTUDOU COM ELE E VEIO PARA A MARINHA, E AI?

Da marinha foi que eu fui me aperfeiçoar mais, comecei a estudar trompa, fui ser aluno da Escola de Música da UFRJ, pois eu tocava trompete na época. Eu fiz o técnico no instrumento em que eu me aperfeiçoei na Marinha, mas até terminar o curso da Marinha eu era o que eu tinha aprendido na igreja. Depois que eu já estava na Marinha, que eu tinha me formado, é que eu fui para a Escola Naval (organização militar da Marinha do Brasil, onde tem uma banda de música sinfônica) e comecei a fazer o curso técnico em trompa.

E COMO FOI PRA VOCÊ COMEÇAR A DAR AULA DE MÚSICA?

Da mesma forma que o meu professor, através de uma necessidade que surgiu, tinha um pessoal que queria ser orientado para a banda, não tinha quem ministrasse a aula de música, e ai, nos formamos um outro grupo e começamos a dar aula de música. Formamos mais músicos e começamos a banda.

O meu primeiro músico que formei foi em Brasília, não tinha ninguém para dar aula, não tinha nenhuma banda na igreja, reunimos os alunos, pegamos *do zero*, demos o *b-a-bá*, teoria, já passamos pelo instrumento e hoje tem músicos tocando na aeronáutica, que está aqui (Banda Sinfônica do CFN) tocando. Formamos músicos em Angra dos Reis, numa igreja onde não havia banda...bem como também corais, que também é a nossa praia musical, ensinando vocalize, técnica vocal, tudo direitinho, que nós aprendemos também na igreja.

QUAIS OS INSTRUMENTOS QUE VOCÊ ENSINAVA?

Sempre foi em instrumento de sopro, era mais ligado há instrumento de *bocal*, porque era onde eu tinha a minha formação, trompete, trompa, trombone, bombardino. Quando aparecia um instrumento de palheta agente dava a teoria e passava para um

outro, ou então aprendia com um colega da banda a posição inicial e passava para o pessoal..era meio autodidata, o colega aprendia palheta pra passar pra gente.

COMO VOCÊ ENSINAVA?

Agente tinha um plano de aula que era o seguinte: usava um livro que agente achava mais fácil para a assimilação, o Maria Luíza de Matos Priolli..pegava aquele *b-a-bá*. Na parte de divisão agente já começava fazendo com a entoação, que era o solfejo, pegava o Frederico Nascimento...pra depois que a pessoa saia ali do terceiro capítulo da Maria Luíza, já estava conhecendo as notas, notação musical, sabia escrever, sabia o que era compasso, agente começava a dar o instrumento pra ele, e ai paralelo ao instrumento dava também a divisão, e a divisão agente dava com entoação, já formando ele para ter a noção das notas, sem fazer aquele processo de dar somente a divisão, nos dávamos já a divisão com a entoação e logo depois ele pegava no instrumento. Ele tinha vinte minutos de solfejo mais ou menos, depois mais 1/2 hora de instrumento. No mesmo dia que ele tinha divisão ele tinha instrumento, embocadura e tal...

TINHA ALGUMA PRÁTICA?

Sim, na igreja, na banda da igreja.

QUAL ERA O REPERTÓRIO?

Além dos hinos da harpa, que é o hinário da igreja, agente fazia os dobrados da marinha, agente tocava *João Feitosa, comandante narciso*..na hora que o pessoal saía agente tocava dobrado e todo mundo gostava. E também peças nos dia comemorativas, como o aniversário da igreja, tocavam o *guarany*, *a elegia da alma* que é uma peça nacional muito bonita, a *sinfonia pátria*, muito bonita também, até o pessoal da Sinfônica já tocou, os antigos tocavam ela. O repertório era esse.

QUAIS OS OBJETIVOS DOS ALUNOS QUE TI PROCURAVAM?

Devido ao exemplo que eles observavam, não era só tocar na banda, era ter uma profissão, entrar para a banda militar, ser militar. Hoje na minha igreja eu formei um grupo novo que não estão vindo ser militares, já estão procurando uma Orquestra sinfônica lá fora e ai nos começamos a ter uma idéia lá na igreja onde eu estou pastoreando de formar uma orquestra. Comecei a ensinar violino, violoncelo...pra nos passou um pouco a era da banda e começamos a forma à orquestra, as igrejas estão tentando forma uma orquestra, também nesse mesmo sistema de ensinar já dado a prática, com o objetivo de forma orquestra.

ENTÃO O OBJETIVO INICIAL DELES SERIA...

Tocar na igreja, no serviço da igreja e conseguir um bom emprego, como no meu exemplo, sargento de marinha, estabilizado...temos vários colegas assim... o meu irmão é um exemplo, hoje ele tem uma escola de música, ele montou essa escola, mas ele começou estudando e dando aula na igreja.

VOCÊ DEU AULA PRA ELE?

Não só o inicial mesmo...esse mesmo professor que me ensinou deu aula pra ele e nós dois passamos pra marinha.

QUAL A PARTICIPAÇÃO DA IGREJA NA ESCOLA?

A escola é na igreja, a igreja dá o instrumento, compra o instrumento, banca toda à parte de estrutura da escola. O aluno vem com o objetivo de tocar na igreja e a igreja fornece todas as condições pra que ele toque.

VOCÊS COBRAM PELAS AULAS?

Não, no principio não, só quando tem um instrumento que nos não conseguimos dar aula, como o violino, viola, violoncelo, ai sim agente cobra porque vem um professor da Escola de Música dar aula. O meu filho está estudando baixo acústico, eu não sei nada sobre baixo acústico, ai tivemos que convidar um professor. Inclusive colegas nossos aqui da marinha, como o Xavier do violoncelo, o Carlinhos da percussão, são sargentos nossos que trabalharam dando aula de música lá. Esse pessoal quando vai dar aula lá agente cobra.

Nossa escola continua funcionando inclusive com outros professores daqui da Banda Sinfônica que dão aula lá: o Elias, o Adriel, o villar, eles fazem parte da minha igreja também...e tem alunos que formaram conosco que já estão dando aula para outros alunos, eles se foram para a Villa-Lobos, voltaram e estão lá com agente, conseguiram uma formação maior no seu instrumento. Esse ano mesmo eu não estou dando mais aula estou na coordenação do departamento musical, onde está incluída a escola de música, agora mesmo estamos adquirindo uns instrumentos, entre oito a dez mil em instrumentos, a igreja banca os instrumentos, tem alguns pais, devido a sua empolgação, que possuem uma situação financeira boa, e que compram para o filho o seu próprio instrumento.

Estamos fazendo um trabalho social na comunidade, com 600 crianças, aulas de reforço escolar, música, artesanato. Levei os músicos da banda que dão aula na igreja para o projeto, dando aulas de instrumento. Já estamos formando um coral, e inclusive estamos preparando gente que está interessada em participar desse concurso que vai ter na Marinha para sargentos cantores, a prova do coro da Marinha. A intenção é essa e eu espero que eles consigam. Pegamos o edital e estamos direcionando o estudo para esse fim.

VOCÊS ESTÃO PREPARANDO ELES SÓ PARA AS PROVAS DE MÚSICA? E AS OUTRAS MATÉRIAS?

Não, estamos preparando para tudo, tem professores da própria igreja que dão aulas de português, redação e matemática.

TEM ALUNOS TEUS QUE PASSARAM NA PROVA DA MARINHA?

Temos sim, pelo menos que eu dei aula tem mais ou menos uns seis aqui no Rio de Janeiro, na marinha e na banda da aeronáutica tem uns 4, e têm alguns que nos começamos a dar aula aqui e se entusiasmaram e foram pra escola de música, hoje quando chega em um certo nível eles mesmo entusiasmados procuraram a escola, nos levamos eles, eu levei alguns para a Villa-lobos, outros estão fazendo provas para as universidades.

E EM OUTROS LUGARES FORA O MEIO MILITAR?

Que eu dei aula eu não lembro não...tem um só, mas não é uma orquestra oficializada em Brasília, não está em banda militar mas em uma orquestra em Brasília, mas é uma orquestra cristã, que tem um CD gravado, tem um bom nome em Brasília apesar de não ser uma orquestra de uma instituição do governo ou prefeitura, mas é assalariado. Ah, tem um sim na banda da prefeitura do Rio de Janeiro, lá é civil. Às vezes eles convidam militares lá para dar ordem unida, ensinar a parte de estrutura e formação de bandas, mas a parte musical o pessoal faz concurso mesmo.

QUAL OS TEUS OBJETIVOS EM EDUCAÇÃO MUSICAL?

Olha, eu acho que a música muda e muito o comportamento do ser humano e eu vejo na música uma arma que nos temos pra tentar evoluir a mentalidade do ser humano. Na música ele tem que expressar uma série de coisas, o sentimento dele, o controle emocional, ele tem que ser uma pessoa dócil, ele não pode ser uma pessoa muito rude, ele ser um camarada visionário, que consiga ver à frente, que tenha reflexo. Então com isso ele torna-se uma pessoa mais tranquila, menos agitada, não rude e tratável, você consegue conversar..e com isso você vai formando uma educação e vai nascendo nele novos horizontes, aumentando a perspectiva na vida das pessoas através da música, além de fazer um bem para o seu emocional, e isso contribui para a sua reação na sociedade. É muito gratificante ver isso.

QUAIS OS DIAS QUE VOCÊ DÁ AULA?

Nos finais de semana, sempre aos sábados ou durante a semana algum dia à noite depois das 07:00h. Eu saí do meu emprego pra lá.

E já dei aula fora também, como militar, num prédio onde tinha alfabetização.

DAVA AULA DE QUE?

De formação musical no instrumento, colocava nas mãos deles percussão, corneta.

ERA UMA ESCOLA NORMAL, DO ESTADO OU PREFEITURA?

Não, era particular, lá em Brasília (ele serviu no Grupamento de Fuzileiros navais em Brasília), o nome é *caminho do saber*.

ENTREVISTADO: PMM - C

POSTO/GRAD: PRIMEIRO SARGENTO FUZILEIRO NAVAL MÚSICO

ESCOLA DE MÚSICA ANEXA A IGREJA ASSEMBLÉIA DE DEUS DE SÃO GONÇALO

COMO FOI A TUA FORMAÇÃO COMO MÚSICO?

Aprendi música na igreja, depois fui estudar no Villa-Lobos, tirei todos os meus cursos teóricos, instrumentais fiz saxofone com o Paulo Moura, fiz regência, e fiz harmonia no Villa-Lobos, fiz faculdade na UFRJ, dois anos e parei.

QUAL O CURSO?

Licenciatura em Música.

COMO FOI A TUA INICIAÇÃO MUSICAL?

O *b-a-bá* foi com um Maestro da Banda da Igreja, ele era militar da Marinha, aqui da Banda Sinfônica, Manoel Cessim Pinheiro.

QUAL ERA O INSTRUMENTO DELE?

Clarinete

ELE TINHA UMA ESCOLA DE MÚSICA?

Tinha, aliás essa escola tem até hoje, é na minha igreja. A igreja, na realidade, soma e coopera na formação de muitos músicos militares e até civis mesmo. Eu conheço várias pessoas, toco com elas ai fora, que tiveram a sua formação musical na igreja. Eu poderia dizer a você que 80 % de músicos militares aprenderam música na igreja, nessa escola, uns 20% são civis. Uma grande soma de músicos tiveram o seu inicio na igreja, sem dúvida, eu já vi ou ouvi falar, não lembro, de uma pesquisa sobre esse levantamento.

QUAL ERA O OBJETIVO DESSA ESCOLA?

A principio era ensinar música para amanhã ele se tornar um profissional, somando dentro da igreja.

HAVIA BANDA NA IGREJA?

Havia, ainda há, na minha época só tinha a formação original de bandas, hoje ela já possui cordas, violino, viola e violoncelo.

COMO ERAM AS AULAS DO TEU PROFESSOR?

No início tinha a teoria, baseado na Maria Luiza Matos Priolli, agente fazia a parte de teoria, uns três a seis meses de teoria e solfejo, ai depois pegava no instrumento e daí por diante começava a estudar lição de método, tocar as músicas da igreja...

QUAL ERA O MÉTODO?

No meu caso era o klosé, sempre estudei saxofone.

E O REPERTÓRIO?

Hinos da harpa cristã e o repertorio da igreja, depois fui para o Villa-Lobos e ai começou mesmo com outras músicas. O método klosé eu dei todo por exemplo, dei todo mesmo.

E COMO FOI PARA VOCÊ COMEÇAR A DAR AULA?

Nesse período eu fiz o concurso para o exército e abriu concurso para a marinha, me escrevi em 1985, passei, e fui cursar em 1986, me formei em sargento e em 1987 eu vim para a Banda Sinfônica e fiquei 14 anos na Banda Sinfônica, depois fui para o conjunto Fuzibossa e hoje estou na Banda Tipo IV.

COMO FOI PARA VOCÊ COMEÇAR A DAR AULA DE MÚSICA?

Aula de música...eu me formei como Sargento Músico e apareceu a oportunidade, comecei a dar aula depois do expediente da Marinha na Academia Lorenzo Fernandes e no Villa-Lobos. A Marinha tinha um contrato, tipo um intercâmbio, pra dar aula, e lá estava precisando de professores, o negócio foi crescendo e o pessoal foi sabendo que eu estava dando aula e a procura foi grande. Ai eu comecei a dar aulas na igreja, abri uma escolinha de musica chamada Nota Jazz, anexa a igreja, abrimos para vários instrumentos, vários alunos meus vieram fazer prova para a Marinha, foram para o Exército também, muitos mesmo..aqui na banda eu tenho o Vitoriano, o Villar, o Marcelo, que já foi embora...eu não me lembro, mas têm muitos...uns 10 alunos que foram aprovados no concurso.

ESSA ESCOLA FUNCIONA ANEXA A IGREJA, ELA FINANCIA...

Não, não...alguns instrumentos a igreja comprava, mas as maiorias dos alunos compravam e chegava a escola com o seu instrumento.

QUAIS OS OBJETIVOS DOS ALUNOS QUE TE PROCURAM PARA ESTUDAR MÚSICA?

Eles querem estudar música para ser um profissional, prestar um concurso para a Marinha, Exército ou Aeronáutica, ou para seguir carreira mesmo na vida civil, tocar em alguma orquestra. E a escola tem procurado preparar eles para isso, agente só não tem o privilégio de dar Diploma, mas ensinar, o conteúdo é o mesmo, os livros que adotamos são os livros das escolas oficiais.

O QUE VOCÊ ENSINA? COMO VOCÊ DESENVOLVE A SUAS AULAS?

Eu começo com a teoria junto com o método Klosé, vou dando lição por lição até terminar o método.

E COMO VOCÊS PREPARAM PARA O CONCURSO?

Quando eles estão adiantados, agente trabalha em cima do edital, já vai dando o pulo do gato.

E VOCÊ DÁ AULA DE QUE?

Só de musica, pras outras matérias eles procuram outros professores.

ENTÃO O OBJETIVO DELES É....

Arrumar um emprego, uma profissão, ter uma ganha pão certo, ninguém hoje em dia estuda música como hobby, a maioria estuda mesmo para arrumar uma profissão.

ESSES MÚSICOS SÃO EVANGÉLICOS?

Sim, eles são formados na igreja e tocam na banda da igreja, no inicio agente forma pra tocar na igreja, e graças a Deus são muito bons.

QUAIS OS TEUS OBJETIVOS EM EDUCAÇÃO MUSICAL?

O meu maior prazer cara é fazer discípulo, eu aprendi isso com um professor, e te digo, minha prioridade hoje não é nem tanto financeira, é o prazer de dar aula..

VOCÊS COBRAM?

Sim tem uma taxa, até porque hoje se você não cobrar há um desinteresse, o cara vai hoje amanhã não vai, assim não, pagando ele vai valorizar. Mas eu tenho maior prazer de formar discípulos.

ENTREVISTADO: PMM - D
POSTO/GRAD: TERCEIRO SARGENTO FUZILEIRO NAVAL MÚSICO

ESCOLA DE MÚSICA ANEXA A IGREJA ASSEMBLÉIA DE DEUS DE NOVA IGUAÇU

COMO FOI A TUA FORMAÇÃO MUSICAL?

Bem, a minha iniciação musical se deu há 15 anos atrás. Sou membro da Igreja Assembléia de Deus de Nova Iguaçu, nós tivemos ali uma influência muito grande, porque a nossa igreja possui uma orquestra, e desde pequeno fomos habituados a ficar apreciando o trabalho da mesma, sendo assim, desde bem cedo começamos a ter o interesse de estudar música devido a todo o trabalho que nós já havíamos assistido na nossa igreja com a orquestra. Tinha uma irmã inclusive, que na época formava vários músicos, era uma pessoa que se dedicava na igreja tão somente ao ensino da música, da igreja ela era uma das grandes incentivadoras musicais e eu sou fruto do trabalho dessa irmã na igreja.

ERA UMA ESCOLA DE MÚSICA?

Era uma escola de música, que na verdade a extensão dessa escola se dava na casa dela, agente estudava na casa dela, e depois, praticamente um ano, um ano e meio estudado com ela, nos começávamos a praticar o instrumento e depois dessa prática, era como se nos fizéssemos um estágio na banda da igreja, e dali nos começávamos a desenvolver o nosso talento, foi assim um caminha que realmente foi aberto para agente desenvolver a parte musical.

ESSA IRMÃ TOCAVA NA IGREJA?

Tocava, ela foi a fundadora da orquestra na década de 60, era clarinetista, e depois disso ela não atuava mais como musicista executante e sim lecionado.

QUAL ERA A FORMAÇÃO DA ORQUESTRA?

Tinha a formação de banda, nos tínhamos a base completa, teclado, guitarra, bateria, baixo elétrico, e possuíamos naipes distintos, de palhetas, composto por clarinetes, requinta, saxofone, e naipe de metais também, tinha um naipe muito bom de trompete, trombone, trompa, formação realmente de banda.

OS ALUNOS DA ESCOLA TOCAVAM NA BANDA DA IGREJA?

Tocavam, aqueles que já estavam mais avançados, aqueles que já tinham um aprimoramento maior.

TINHA MILITAR NA BANDA?

A maior parte da banda era de militar, inclusive tinha os dois filhos da irmã, que na época, vamos dizer assim, um deles, um era trompetista e o outro saxofonista,

um deles, que era o saxofonista, foi uma das pessoas que eu me espelhei muito, o meu instrumento hoje é o saxofone, e o filho dessa irmã, que na época era Terceiro Sargento da Banda de Pára-queda, foi uma das pessoas que eu me espelhei muito e através da motivação dos músicos militares, a maior parte deles eram militares, agente teve assim aquele sonho de fazer parte um dia de uma banda militar. Então nos somos hoje músicos militares da Marinha.

VOCÊ TEVE A SUA INICIAÇÃO MUSICAL COM ELA...

A minha iniciação musical, foi basicamente o solfejo, o estudo de teoria pelo livro da Maria Priolli, e a parte de divisão, depois veio a parte pratica no instrumento, no aprendizado de escalas, comecei a desenvolver o hábito da leitura no instrumento. E depois disso eu comecei a procurar outros professores...quem me dava aula de sax era ela, porque o filho dela quase não tinha tempo devido as suas atividades no quartel, então agente começou a se desenvolver praticando o instrumento com ela, desenvolvendo na igreja, e depois de um certo tempo, seu eu não me engano uns três ou quatro anos nessa caminhada estudando com ela, nos procuramos a Escola de Música Villa-Lobos, começamos a aprimorar o nosso conhecimento e foi aonde nos conhecemos um grande professor, saxofonista, amigo nosso, o Paulo guarani (saxofonista da Banda Sinfônica, também entrevistado) ali na Escola Villa-Lobos nos tivemos a oportunidade de conhecê-lo... até antes de conhecer o Guarani, nos conhecemos o Suboficial da Marinha, o nome era Severino, era conhecido como o Sub Araújo da Marinha, ele foi o nosso primeiro professor depois dessa irmã que eu aprendi instrumento com ela na igreja, ele saiu da escola, o Paulo Guarani entrou, e nos tivemos assim estas duas referencias também que nos influenciaram muito no aprimoramento do instrumento.

COMO ERAM AS AULAS NA IGREJA?

Olha, na igreja as aulas que nos obtínhamos era em cima de lições, utilizávamos o método do Amadeu Russo, esse método é um método para iniciantes onde você encontra ali escalas diatônicas, você tem ali a possibilidade de aprender as posições corretas do instrumento, a melhor forma de você executar, e algumas lições também de interpretação, então ficou muito marcante essa formação inicial, acho que é importante para cada músico iniciante ter uma boa estrutura para que ele possa desenvolver mais tarde, no futuro, uma boa técnica, basicamente isso ai...agente começou a aprender no Amadeu Russo e nos tínhamos também na igreja Assembléia de Deus a harpa Cristã, a harpa cristã foi assim um dos métodos que nos utilizamos, inclusive, meu instrumento é Sax-alto, e ele é armado em Eb, e a harpa cristã ela vinha escrita para instrumento tipo armado em C, e por obrigação nos tínhamos que aprender a transportar, então até nisso também nos ajudou na formação da leitura e do aprimoramento.

VOCÊ ESTUDOU, FOI PARA O VILLA-LOBOS, E DEPOIS?

Na Villa-lobos eu tive uma grande oportunidade de desenvolver o instrumento, porque foi criado na época, se eu não me engano no ano de 1991 ou 1992, uma bolsa estudo que funcionava da seguinte forma: a direção da escola teve a

intenção na época de formar uma banda, que não existia na escola de música, a idéia inicial foi de nos ganharmos a bolsa mediante sermos executantes na banda, participando da formação da Banda da Escola de Musica Villa-Lobos, então eu comecei a desenvolver o lado da pratica de conjunto não só na igreja como também na Banda da Escola, porque na igreja nos trabalhávamos muito com hinos, músicas sacras, e foi assim uma experiência nova eu poder trabalho com uma música de clássicos, popular. Agente começou a ter m contato de fato com a musical, realmente, um pouco mais aprimorada, às vezes agente levava a partitura para casa pra poder estudar, porque nos todos éramos alunos então nos tínhamos dificuldades com leitura á primeira vista, então era aberta uma concessão pra gente poder estudar e isso fez com que nos crescêssemos. A técnica em grupo, a questão de você está ouvindo o companheiro do lado, você entender aquele jogo de perguntas e resposta entre naipes, isso ai foi algo realmente que somou muito na nossa formação musical.

E DEPOIS?

Depois que nos saímos da Villa-Lobos, já estávamos com uma base considerável, musicalmente falando, tínhamos a experiência, a bagagem, nos começamos a desenvolver alguns trabalhos, por exemplo, na Banda de Música de Miguel Pereira, estivemos tocando ali com alguns músicos, tivemos a oportunidade de interagir com outras orquestras, não só em nível de Assembléia de Deus, mas também em outras áreas de orquestras populares. Depois começamos a desenvolver uma pratica de conjunto que foi muito importante pra desenvolver a questão do ouvido. Porque enquanto você toca numa banda de música, você tem ali as partituras, você se limita a tocar aquilo que já está escrito, agora na pratica de conjunto é diferente, você é praticamente obrigado a desenvolver mais o lado da improvisação. Foi ai que eu comecei, depois que eu sai da Villa-Lobos, a desenvolver esse lado da improvisação também na igreja, porque nos tínhamos a formação de banda e tínhamos a formação de conjunto, e nessa formação de conjunto nos praticamente fomos obrigados a correr atrás da questão da improvisação, a questão da percepção auditiva, estar ali entendendo o que cada instrumento está fazendo e aprimorar o som...nos fazemos muitos solos na igreja. E depois disso começou a surgir outras oportunidades, porque quando você começa a despontar, desenvolver, outros músicos começam a te enxergar, e você começa a receber convites...recebi convites para tocar em um congresso, que na época foi promovido pela Rede Manchete, um congresso em nível de Assembléia de Deus.Nos participamos em 1996 nesse grande congresso tocando..e também tiveram muitas gravações também, em nível de meio evangélico, com cantores, grupos, conjuntos, de forma que agente começou então após sair da Escola de Musica Villa-Lobos a ter uma pratica mais dentro de alguns convites e correndo atrás de alguns trabalhos pra ser feito também. Isso somou muito, nos crescemos através desses trabalhos paralelos.

E A MARINHA NESSA HISTÓRIA?

A Marinha... eu tive uma grande influência para entrar na Marinha. Foi através do conhecimento que nos obtivemos desse professor de música, que era o Suboficial Araújo, inclusive na época ele era mestre da Banda Sinfônica do CFN, e assim que nos o conhecemos ele chegou e apresentou essa possibilidade de seguirmos a carreira militar, algo que eu já tinha em mente, já estava pensando

realmente, mas a minha opção era ir para o Exército, até porque as maiores parte dos músicos que eu conhecia da igreja, que tocavam na nossa igreja, eram de bandas do Exército. Mas ele fez essa proposta pra gente, disse que seria interessante se nos aprimorássemos o instrumento e fazermos a prova para a Marinha, então eu achei que seria também uma porta aberta para a realização do nosso sonho. E assim aconteceu, através da influência desse professor, nos fizemos a prova, depois de uns três ou quatro anos após conhecê-lo, e assim agente consegui entrar pra Marinha e estamos até hoje, eu sou músico militar da Marinha, e até nisso também nos tivemos a oportunidade de crescer muito, porque nos tivemos contatos com muitos profissionais. E mediante esse conhecimento nos começamos a desenvolver outros trabalhos, ter outra linha de ação em relação a parte musical, e não só parte musical como também a disciplinar. Você estando em uma corporação militar, você na verdade começa a observar alguns tipos de procedimentos, e esses procedimentos realmente somam na parte disciplinar na estante do músico.

VOCÊ CHEGOU A DAR AULA DE MÚSICA?

Eu cheguei a dar aula de música depois de algum tempo, quando eu já tinha uma certa pratica de musica e teoria musical, nos já havíamos feito a prova para a Marinha, já estávamos bem preparados pra poder ministrar aulas para alunos iniciantes. Depois de tudo isso, nos já estávamos na Marinha, começamos a desenvolver alguma coisa na parte de ensino dentro da igreja, dando continuidade ao trabalho que já existia, nos chegamos ali mais para fazer parte da classe docente, para poder somar com o pessoal naquilo que fosse possível.

FOI NA MESMA ESCOLA DE MÚSICA QUE VOCÊ TINHA ESTUDADO?

Não foi na mesma escola, porque nesse tempo eu já tinha mudado de igreja, estava morando em outro bairro, comecei a desenvolver o trabalho em outra igreja, inclusive, na época, eu estava fazendo um paralelo entre o saxofone, violão e guitarra, porque, na verdade, para o improvisador é muito interessante que ele ter o conhecimento harmônico, porque tudo que se faz dentro da improvisação, ele tem que pensar não só na melodia, mas também entender o contexto harmônico. Então sabendo disso, comecei a desenvolver as técnicas no violão e guitarra, violão popular e guitarra também. Foi algo que ajudou muito, porque depois nos fomos para uma igreja que não tinha uma estrutura musical muito forte, e ali eu pude ensinar a algumas pessoas que estavam interessadas em instrumentos de base, teclado, contrabaixo..a bateria também foi algo que começou a surgir, não como uma coisa profissional, mas só realmente pra poder passar alguma informação pra pessoas que não tinham nenhuma informação. Agente então ministrou aulas de teoria, começamos a passar alguma coisa na pratica e depois encaminhamos esses alunos para professores mais qualificados, professores que eram específicos na área de cada instrumento.

PROFESSORES DA IGREJA TAMBÉM?

Sim, da igreja de Nova Iguaçu, no bairro Parque Flora, inclusive, hoje, nos temos ali um conjunto, que graças a Deus temos o orgulho de dizer que tivemos uma grande participação na formação desses músicos. Nos temos nesse conjunto, um

tecladista, que depois começou a dar aulas de teclados, foi meu aluno e começou do zero. temos o baterista, que começou estudando com agente, um trompetista; nos ministramos pra ele aulas de teoria, começamos a incentiva-lo a procurar um professor específico na área do trompete, já que eu não tinha pratica nenhuma nas escalas do trompete não tinha nenhuma pratica, mas agente ajudou e hoje ele é soldado músico do Exército, da banda do Exército. Temos também um contrabaixista ali, de forma de que essa formação musical veio a somar muito ajudando, musicalmente falando, a igreja, que não tinha nenhum músico quando chegamos, e logo começamos a montar essa equipe e dentro de dois anos conseguimos levantar esse pequeno conjunto.

COMO ERAM AS SUAS AULAS?

Na época eu trabalhava em Angra dos Reis, servia na Banda da Marinha de Angra, então ficava um pouco complicado pra eu vir para o Rio de Janeiro no final de semana. Todo o final de semana, quando eu vinha à tarde, nos marcávamos as aulas semanalmente aos sábados, nos reuníamos na igreja e ministrávamos as aulas à tarde.

A técnica que nos utilizamos, eu não sei se é utilizada nas Escolas de Músicas, creio que não, foi uma técnica que nos procuramos desenvolver para que o aluno pudesse pegar bem rápido a parte teórica. Nos trabalhávamos com um questionário, ministrando a aula pra eles, esses questionários eles levavam para casa e tinha uma apostila com todos os indicativos e eles respondiam o questionário nas suas casas, e depois nos trabalhávamos em cima daquilo que foi proposto no questionário. Por exemplo: o que é musica, a estrutura da música, as três partes em que se dividem, quantas claves nos temos, as armaduras.. coisa assim bem superficial, não muito sério, só para o aluno poder ter uma base para desenvolver uma leitura mais tarde. E depois que essa classe começou a desenvolver essa parte teórica, nos começamos a parte do solfejo, isso levou menos de seis meses, porque agente procurava fazer uma dinâmica entre eles de forma que pudessem realmente se interessar. Sempre incentivando os alunos. Uma das coisas que influenciou muito eles, era visitar outras igrejas e ver outros músicos tocando, isso motivava e aguçava mais ainda o interesse deles em querer realmente aprender para também tocar como os outros colegas.

HAVIA OUTRAS PESSOAS DANDO AULA?

Não, nessa igreja só eu, na verdade, de músicos já formados, tinha três: eu e dois do exercito, só que devido a questões de tempo, serviço e trabalho. Eles só nos ajudaram no inicio da teoria, depois devida eles não conseguirem horário para ministrar as aulas, eu tive que assumir a escola, sozinho.

Mas mesmo assim, não tivemos dificuldades, porque era uma turma de 7 a 8 alunos. É claro que dentro de uma turma de 8 alunos cada um desenvolve de uma forma, então aqueles alunos que eu percebia que já estavam mais desenvolvidos, trabalhávamos a parte prática, e os alunos que ficavam um pouco pra trás começavam a se incentivar para desenvolver, porque observava que o colega tinha começado junto com ele na teoria e já estava pegando o instrumento e ele estava ficando pra trás. Agente procurava esse momento para poder incentivar quem estava atrás: “olha você tem que estudar porque o seu colega já está lá na frente”. Isso foi

realmente muito válido, pois eles começaram a desenvolver, de forma que hoje, eles estão tocando juntos nessa igreja em que nós ministramos as aulas.

QUAL O OBJETIVO DOS ALUNOS QUE TE PROCURAVAM?

O principal objetivo era o da influência dos outros músicos e amigos que eles viam tocando, e a música é algo que atrai o nosso sentimento, a música toca muito o nosso homem interior. Eles tiveram motivação devido à observação de quem estava tocando e também na intenção de seguir carreira militar, até porque, os professores que ministravam eram todos militares. Então eles olhavam assim e queriam seguir a carreira militar, pensando no futuro ganhar um dinheiro, um salário fixo. O músico militar no Brasil, tem sido de certa forma beneficiado em detrimento do pouco espaço que nós temos no meio civil de um reconhecimento em relação a parte musical. O Brasil precisa hoje abrir mais espaço para músicos. Não sei se é devido a nossa cultura, a falta de estrutura, mas a grande realidade que nós percebemos hoje é que a grande maioria dos músicos que nós temos no Brasil, procuram seguir a carreira militar como um meio de ter um salário fixo e depois sim começam a procurar outros trabalhos lá fora. Precisamos desenvolver a parte musical no nosso Brasil.

VOCÊ COBRAVA PELAS AULAS?

Olha..nós cobrávamos um preço simbólico, porque eu tenho um pensamento comigo: que nós só costumamos valorizar aquilo que desembolsa, quando você recebe algo de graça, você relaxa, não leva muito a sério. Então nos cobrávamos uma taxa não pela questão financeira, de lucrar com isso, mas a nossa intenção era de ajudar o adolescente que queria aprender, cobrando um preço simbólico para que eles pudessem ter a motivação e entender que estavam pagando por uma aula que eles precisavam, era uma motivação para que eles pudessem ter uma frequência nas aulas.

QUAIS ERAM OS TEUS OBJETIVOS DANDO AULA?

Na verdade eu nunca me vi como um professor de música. A minha idéia sempre foi ser músico executante, mas eu realmente comecei a ministrar aula na igreja por uma necessidade. A comunidade onde nós morávamos era uma comunidade bastante carente, as pessoas não tinham um poder aquisitivo. De forma que, se hoje nós formos colocar o valor de uma mensalidade de uma aula de música, para os adolescentes da época, eles não teriam condições de pagar, seus pais não tinham como pagar aula de música pra eles. Foi uma forma de ajudarmos essas pessoas. Inclusive um desses músicos que nos demos aulas está seguindo a carreira militar de soldado no exército e parece que já está fazendo prova pra cabo, já estão surgindo outras oportunidades. Eu fico muito contente com isso, de poder estar ajudando esses jovens, mas não houve nenhuma pretensão minha, em termos de ministração de aulas, um objetivo, de ser professor não. Meu objetivo era só ajudar esses adolescentes.

Eu sei que eu estou influenciando as pessoas quando estou tocando, nós temos desenvolvido um trabalho sério, em nível de igreja e a maior parte das pessoas

que realmente chegam até nós, procuramos sempre incentivar essas pessoas, sempre mostrando que existe um caminho, uma possibilidade de se alcançar o seu objetivo.

Eu sempre digo para essas pessoas o seguinte: nunca desista. Porque eu me lembro que uma das maiores dificuldades minhas quando eu comecei a estudar o instrumento era realmente a questão da iniciação, porque nela você tem que quebrar uma barreira tediosa, você insisti, aquela nota não sai...o incentivo que eu dou a estas pessoas é estudarem o seu instrumento, não desistir, e procurar assistir boas apresentações, isso também motiva muito. O fato de você estar se espelhado em outras pessoas também é muito importante. Eu costumo dizer que cada músico tem a sua identidade, mas essa identidade ela é desenvolvida a partir do momento em que você se espelha em alguém, se você tem uma referência, se você tem alguém em que possa se espelhar, isso é bom. Eu digo sempre aos meus alunos, se espelhem. Graças a Deus eu tenho sido para muitas pessoas uma referência, não para minha glória, mas para honra e gloria do Senhor.

Eu agradeço muito a Deus pela oportunidade que ele me deu para poder desenvolver esse dom. Eu sempre falo isso pras pessoas, não desistam, estudem, porque realmente é uma trajetória difícil, mas lá na frente agente pode dizer que somos vitoriosos e vamos usufruir todo aquele sacrifício, até porque o ser humano só valoriza aquilo que ele conquista. As coisas que chegam na nossa mão com muita facilidade a tendência é de não valorizarmos muito, mas quando agente se esforça, quando agente corre atrás, quando agente concentra todo trabalho e esforço pra poder alcançar aquele objetivo, nós entendemos que lá na frente agente vai colher o fruto daquilo que nós plantamos lá atrás.

ENTREVISTADO: PMM - E
POSTO/GRAD: PRIMEIRO SARGENTO FUZILEIRO NAVAL MÚSICO

ESCOLA DE MÚSICA ANEXA A IGREJA METODISTA DE SANTA CRUZ

COMO FOI A TUA FORMAÇÃO COMO MÚSICO?

A minha formação como músico acho que foi como a maioria dos músicos de marinha, eu comecei tocando violão, para tocar basicamente na igreja. Foi na igreja que eu comecei a tocar violão. A principio ouvindo e vendo as pessoas tocarem, observando como é que se fazia, mais tarde houve a oportunidade de entrar numa aula e eu entrei, mas toquei violão por pouco tempo, aprendi o básico, e depois quando fui para as forças armadas, eu era soldado na aeronáutica, já tinha uma certa habilidade musical, entrei para a Banda Marcial. Continuei estudando música, entrei em um curso na Villa-Lobos, onde fiquei três meses, só que a Villa-Lobos tem uma metodologia que não tem pressa, eles tem uma grade a cumprir e eu tinha pressa, então eu descobri um professor particular que dava três aulas por semana, na Villa-Lobos só tinha uma aula por semana. Eu morava em Santa Cruz e a Villa-lobos era no centro da cidade, o meu professor também morava em Santa Cruz, eu ganhava tempo, tinha mais aulas e pagava menos, assim eu resolvi essa historia com esse professor.

Fui estudar teoria musical e aula de divisão com ele. A bateria eu estudava em casa, através de fitas de vídeo.

A TUA INICIAÇÃO TOCANDO VIOLÃO NA IGREJA FOI NUMA ESCOLA?

A principio não, como tinha muita gente interessada veio um rapaz de uma outra igreja para ensinar violão por cifragem, não era teoria musical, ele ensinava o instrumento, como tocar, como cifrar, no final ele começou a dar iniciação musical. Foi ai que eu comecei a me interessar pela iniciação musical, pela teoria musical. Aquele foi o verdadeiro despertar...eu despertei pra música no finalzinho desse curso, foi quando ele começou a mostrar o pentagrama, as claves, as figuras musicais, ai eu vi um universo maior, porque a música é um universo infinito, foi a partir daí que eu comecei a gostar de fato da música, lá na igreja de Santa Cruz, na igreja Metodista.

QUEM TE DAVA AULA NA VILLA-LOBOS?

Eu não lembro o nome do professor, até porque nos tínhamos aulas de diversas matérias, percepção, teoria musical, e eram vários professores, faz muito tempo isso, foi na década de 80.

E DEPOIS?

Fui estudar com o professor particular, professor Ernesto. Interessante com o seu Ernesto que você vinha fazer uma lição e sena ultima frase você errasse teria que voltar desde o inicio. Ele era uma pessoa muito metódica, cobrava muito, ele gostava de tudo certinho. Eu ficava com raiva dele, porque eu tinha que sair dali e ir para um outro curso e depois pra igreja, e quando ele mandava eu repetir a lição, dava

vontade de dizer que eu não podia e nem queria, mas acabou que isso foi bom, porque acabei memorizando melhor as coisas.

ELE ERA CRISTÃO?

Não era.

MILITAR?

Era sim, ele foi Oficial do Exército, estava na reserva (aposentado), mas era muito bom, ele dava aula de vários instrumentos, mas não tocava bateria, mas dava aula de divisão métrica. Ele dizia que para ser um bom baterista tinha que saber bastante divisão métrica. Eu estudava bateria ouvindo vinis, assistindo fita de vídeo, vendo as pessoas tocarem. Eu não tinha bateria, eu fazia do meu corpo a bateria, ou seja, eu usava a baqueta na minha coxa, o meu braço, no braço da cadeira, na mesa, então eu fazia bateria do meu jeito. Eu era um adolescente pobre, de família humilde, tinha que dar meu jeito, ser criativo. Foi assim.

VOCÊ TOCAVA NA IGREJA?

Depois eu passei a tocar na igreja, antes eu só cantava no conjunto. Depois passei a tocar o instrumento, aquele menino que só ouvia passou a tocar, no início menos que o pessoal, depois igual, e depois mais. Eu continuei a estudar, eu me intitulo um autodidata, não fui há muitas escolas, mas procurei sempre pesquisar. Depois disso eu continuei a estudar e arrumaram um professor para dar aula lá na igreja, porque tinha muitas pessoas interessadas, mas como toda aula de música, que começa com cinquenta e termina com cinco; eu fui um desses cinco, continuei insistindo para aprender alguma coisa.

QUEM DAVA AULA?

Era um professor chamado Celso, o apelido dele era canário, porque ele tocava muito e cantava. Ele foi muito importante na minha vida, criou-se uma grande amizade entre nós dois, ele era cristão também e nós íamos muito a congressos, encontros e estávamos sempre envolvidos nas questões de música. Normalmente era violão que eu tocava, ainda não era bateria.

Ele participava de um conjunto, na época eles gravaram alguns discos e faltou um guitarrista, ele me chamou pra preencher a vaga desse guitarrista. Na época eu achava que nem era capaz, fiz um teste e comecei a tocar guitarra nesse conjunto, mais tarde esse conjunto virou uma empresa, eles montaram um estúdio e acabou o conjunto, hoje existe só o estúdio. Nós tínhamos a mesma idade, eu fui para a aeronáutica, na Base Aérea de Santa Cruz e ele foi para o Campo dos Afonsos. Ele tinha tudo para ser um militar músico, porque tocava vários instrumentos, mas ele não ficou na vida militar e eu permaneci.

Fui estudando e fiz prova pra aeronáutica duas vezes, mas ficava reprovado no exame psicotécnico, esse exame era muito difícil, você passa na parte prática, passa em tudo, mas no psicotécnico não eram todos que passavam. Não tinha como avaliar, eu não sabia o padrão de avaliação. Depois fiz prova para o Bombeiro, também passei e aconteceu uma coisa interessante: eu fui fazer a prova, eu e um colega meu,

chegamos no dia com o papel marcado, você sabe que quando pertence a uma organização militar e vai fazer prova em outra eles emitem um requerimento, então eu fui com o requerimento e a autorização com a data da prova, então eu fui informado que o concurso tinha sido feito uma semana atrás. Eu falei para o sargento que estava com o papel que diz que a prova vai ser hoje, ele disse “não, mas a prova foi há uma semana atrás”, mas eu não fui informado, dei o endereço, a minha ficha estava completa.

Ai, resultado, eles tiveram que aplicar a prova para mim e esse rapaz, como eu sabia que eu ia fazer a prova, mas que pouco ia mudar, uma vez que o concurso já tinha sido feito, nos fizemos a prova, passamos e não fomos aprovados. Não liguei muito, porque o meu objetivo era permanecer na aeronáutica, o Bombeiro era força auxiliar e tinha o problema de atraso de pagamento, o estado atrasava. O meu medo todo era esse, que no futuro, ao constituir uma família eu tinha que ter um emprego certo aonde podia tirar o meu sustento, o meu medo todo era esse. Ai eu não fui para o Bombeiro e naquele mesmo ano eu fiz prova para a Marinha e passei e estou na Marinha até hoje.

COMO FOI PARA VOCÊ COMEÇAR A DAR AULA?

Depois que eu comecei a estudar violão, comecei a entender algumas coisas de música, eu percebi que tinha certa facilidade de passar as coisas para as pessoas. O ser professor leva você a desenvolver as técnicas pedagógicas, desenvolve as formas de abordar determinados termos e assuntos e a técnica de falar com as pessoas. Mas você lecionar eu acho que é dom, a pessoa tem que nascer com esse dom, então eu a partir daí eu passei a ensinar para as outras pessoas aquilo que eu sabia. Eu dava aula e a principio não cobrava nada, mesmo porque eu gostava. Comecei em casa e depois na igreja onde eu estudei, eu comecei a dar aula para as próprias pessoas da igreja que queriam aprender.

Ainda não era sargento, mas eu comecei a dar aula para essas pessoas e formamos várias turmas. Muita gente hoje toca violão, outras abandonaram e a partir daí eu sentir um prazer, um gosto, de estar passando as coisas para as pessoas, e quando você começar a passar alguma coisa para a pessoa, a ensinar, você tem a necessidade de se aperfeiçoar, de melhorar a cada dia para passar coisas novas e melhor. Foi isso que eu comecei a fazer, comecei a pesquisar, verificar e fazer uma auto-análise e aperfeiçoar a maneira de como eu estava dando aula, para melhorar o aprendizado e a minha capacidade de ensinar. Fui dando aula, de início de violão, depois de teoria, depois de contrabaixo, ai comecei a estudar e dar aula de bateria e assim fui embora.

QUAL ERA O OBJETIVO DOS ALUNOS QUE TI PROCURAVAM PARA TER AULA DE MUSICA?

Objetivos diversos, mas a maioria queria aprender música para tocar na igreja. Depois apareceram outros alunos, eu vim para a Marinha e continuei a dar aula e ai começou a aparecer alunos que queriam se preparar para fazer concurso. Ai minhas aulas eram mais especificas, eu dava aula especificamente para aquele aluno para prepara-lo para fazer concurso para a Marinha e aeronáutica. uma vez que eu já sabia todos os trâmites, eliminava-se muitas coisas que eles não precisavam aprender

naquele momento, posteriormente, ele iria até a aprender, mas eu ensinava as matérias específicas que eles pediam no concurso.

COMO ERAM AS TUAS AULAS?

Na época eu dava aula de forma tradicional, quadro de giz. Eu criei uma apostila própria. Livros, eu adotava o Maria Luiza Priolli, acho que é o que a grande maioria adota. Depois que eu vim para a Marinha a minha condição financeira foi melhorando, eu comprei um computador, montei na minha casa um estúdio onde eu coloquei caixa de som e o computador, fiz uma sala para dar aulas. Fazia gravações e então a coisa começou a expandir, além da aula nos fazíamos experiências com gravação, começamos a fazer arranjo, eu e um outro amigo. Preparávamos todo o CD do pessoal para tocar nas rádios, posteriormente fazer um CD melhor. Comecei a me dedicar aos programas de música, aí os horizontes foram se abrindo, fui aprendendo outras coisas.

Comecei dando aula particular em casa e depois passei para a igreja, formando várias turmas e depois em um período parei de dar aula na igreja e voltei a dar em casa. Eu parei de dar aulas na igreja porque fui para Natal, movimentado para servir lá. Quando retornei, voltei para a mesma igreja, mas aí passei para dar aula em casa, numa outra estrutura, montei o estúdio experimental...começaram a aparecer alunos de diversas idades, tanto crianças como pessoas idosas. Para casa faixa etária você tem que ter uma metodologia, uma forma de ensinar. Eu comecei a ter dificuldade para ensinar para criança. A criança você tem que atrair a atenção dela e dificilmente, dependendo da faixa etária dela, ela vai ficar muito tempo na mesma atividade. A criança é muito hiper-ativa, ela tá mexendo aqui, mexe ali...então para cada faixa etária, cada idade, você tem que trabalhar de uma forma.

Isso exigiu muito de mim, tive que ler muito, pesquisar muito, tiver que perguntar muito as pessoas que trabalham com crianças. A minha esposa na época me ajudou muito nesse sentido. Tinha o fato de eu também ter filhos, na época, pequenos, isso para mim foi um exercício muito gratificante, através dos meus filhos eu pude aprender muito e ensinar a outras crianças através da realidade que eu vivia em casa.

VOCÊ TEM EXEMPLOS DE ALUNOS QUE PASSARAM EM CONCURSOS?

Tem sim, na Marinha tem o Sandro, percussionista, e tem o Vieira que está em Angra dos reis, os dois são sargentos hoje. Têm outros que eu não me recordo o nome, todos sargentos, um é corneteiro...esse professor meu criou um método de divisão, o qual eu tenho muito carinho, tenho até que procurar em casa, eu sempre utilizo esse método com os meus alunos, ele já está bem velho. É um caderno de música onde ele fez as divisões ali, de diversas formas, de todos os compassos. Eu estudava bateria por aquele método e passei para os meus alunos, emprestei para muita gente xerocar.

VOCÊ ME DISSE QUE DESENVOLVEU UMA METODOLOGIA PARA O ENSINO....

Como eu ti falei eu dava aulas para diversas faixas etárias, apareceram várias crianças, isso começou a exigir de mim formas diferentes de ensinar, eu não podia

pegar uma criança de 6 anos no quadro negro e dizer *olha isso aqui é uma semibreve, a semibreve é a figura blá, ba...* ela não quer saber disso, dessa forma não, ela até quer saber, mas dessa forma não, assim eu não vou atrair a atenção dela, então eu tive que criar formas.

Eu dava aula a um aluno que era uma criança apática, ele não prestava atenção, eu falava com ele e ele olhava para frente, pro lado, mandava ele fazer as coisas, a principio ele queria estudar violão, ele não respondia e nem correspondia aos ensinamentos que eu estava passando pra ele. aquilo me deixava muito preocupado, intrigado, porque com ele não dava certo. Um belo dia, falei com a minha esposa, *poxa, eu não sei o que ta acontecendo com esse garoto, ele não se interessa, eu falo com ele e ele olha para o lado, mando ele fazer exercício e ele não faz e procuro brincar com ele, mas ele não corresponde, ele tem 11 anos, mas parece uma criança de 02 anos de idade..* eu comecei a observar nele uma criança diferente, e a minha esposa falou assim *porque que você não trabalha com jogos?* Eu falei, *jogos como? Mandar ele jogar bola, brincar de bola de gude, ele não veio aqui pra isso, ele veio para aprender música, o pai dele quer que ele aprenda o instrumento, ela disse porque você não trabalha com jogos de música. Como? não tem, não existe nada.* ai ela fez a seguinte indagação *cria*.

Como eu ia criar, não estava com cabeça pra nada e ainda pego esse moleque que está me enchendo o saco, estou quase dispensando ele. ai ela me falou *não, isso é um desafio, você tem que criar uma forma de atrair a atenção dele.* Ai eu comecei a pensar, ela foi e abriu a estante, nos sempre tivemos muitos livros paradidáticos, educativos, coisa de quem tem muitos filhos. Ela foi a responsável pela alfabetização de todos eles, então nos comprávamos muitos livros, livros que tocavam musica, que abriam e era uma casinha, então ela pegou esses livros e começou a me mostrar. Ela disse que eu poderia criar jogos de música que tinham essas características, mas eu não tinha nada, como eu ia comprar ou fazer. Aquilo abriu a minha mente e eu fiz o primeiro jogo, esse jogo eu usei com esse menino, isso despertou ele para a brincadeira e começou a entender porque o “dó” vem depois do “ré” e o “ré” do “mi”. Eu comecei a brincar com ele e depois disso, eu percebi que o instrumento dele não era o violão, era bateria.

Ele precisava de um instrumento mais agressivo, para trabalhar a coordenação motora dele, pois ele tinha dificuldades com o movimento. Conversando com o pai dele, ele me falou que ele tinha um trauma de infância. Eu levei todos esses problemas para o pai dele. Fazia relatórios dos meus alunos sobre o desenvolvimento deles, uma ficha completa com os dados, cada um tinha a sua, e eu acompanhava tudo. Ai eu fui conversar com o pai dele e ele me disse *olha, eu coloquei ele na aula de musica pra ver se ajudava, porque ele quando pequeno viu a mãe morrer, a partir daí ele mudou com os colegas, deixou de ser um bom aluno na escola.* O mundo dele passou a ser um mundo silencioso.

A partir daí eu comecei a entender esse aluno, as minhas aulas com ele era através de brincadeiras. Eu utilizava os jogos e levava ele para a bateria e dizia *agora eu vou passar um exercício e quero ver se você vai conseguir fazer.* Isso foi motivando ele, ele começou a melhorar na escola, a desenvolver as atividades dele extraclasse, ele começou a brincar com os colegas, começou a ser uma nova criança. Porque nas aulas de música eu comecei a trabalhar não somente a parte musical, mas também a parte afetiva dele, a parte sentimental dele, o problema que ele estava vivendo. E pouco a pouco eu fui entrando nesse assunto da mãe, até que um dia ele

se abriu e me falou porque ele era tão triste, era o problema da mãe mesmo que ele havia perdido.

Esse aluno para mim foi muito importante, porque a partir dele eu comecei a ver a música de uma outra forma, e abriu o meu horizonte para os jogos, comecei com um, dois, três.. hoje estou com uma infinidade de jogos, graças a Deus e a esse aluno que foi um grande desafio pra mim, tive que superar aquela dificuldade que era minha.

Eu fui vendo que tinha facilidade para passar os meus conhecimentos musicais em forma de jogos, tenho a facilidade de uma pessoal me ensinar uma determinada matéria musical e eu transformar isso em um jogo. Meu ultimo projeto é sobre tetracordes, esse era um projeto antigo que eu estava rascunhando há muito tempo, mas me faltava determinados conhecimentos e a visão total do projeto, tinha sempre alguma coisa que estava pendente.

Há pouco tempo eu tive uma aula sobre tetracorde e o que eu queria ver no meu projeto anterior eu consegui ver agora. Ai eu fechei o projeto, já está pronto, eu estou fazendo algumas experiências pra ver se não existe algum erro e logo já vou iniciar o projeto de registro pra fazer parte dos outros. Esse material está sendo tão importante, porque não existe, pelo menos no Brasil, eu não sei fora, nada semelhante, mas. Pessoas altamente capacitadas, pessoas com Doutorado já viram esse trabalho, esse projeto, e aprovaram. Eu já vendi esse material no Conservatório Brasileiro de Música, participei de oficinas, de encontros e congressos de músicas onde eu apresentei esse projeto. Comecei a divulgar esse material em revistas e televisão. Já houve uma empresa de brinquedos que teve interesse nesse projeto.

Só que esse projeto não são jogos simplesmente, é uma técnica de ensino, então ele não pode ser encarado como um jogo, enquanto eu observar que para algumas pessoas isso é um jogo, eu não posso negociar. Eu não gostaria de fechar negócio com a empresa que me procurou porque eles vêem isso como um jogo, uma dama por exemplo, em que você brinca, se diverte e com o termino do jogo ela só te deu prazer de jogar, prazer de se distrair..aqui você tem o prazer de se distrair e tem a possibilidade de aprender. Você além de se distrair, aprende. Por exemplo o jogo da notação musical, os livros que falam de notação musical tem uma grande parte dele, muitas páginas falando sobre o assunto, já o jogo consegue englobar todo o assunto de notação musical em apenas um jogo. Você joga, a primeira, a segunda, a quarta vez você já está sabendo todo sobre notação musical, e de ma forma altamente didática e divertida.

É um método que os principais teóricos da educação utilizam, se você for estudar Jean Piaget, Gardne, Frenet, Paulo Freire, eles adotam esse tipo de método...o Paulo Freire partia da realidade da criança do Nordeste, da bola de gude, da pipa, a partir daí ele alfabetizava. É isso que eu estou fazendo, a partir de uma coisa descontraída, de uma diversão, eu estou alfabetizando, não somente na questão da música, mas também na coordenação motora, visualização, lateralidade, calculo, tenho um jogo que eu misturo matemática com música, outro que mistura língua portuguesa com música, onde para a pessoa fazer uma divisão ela tem que ler o texto, que é uma divisão métrica, mas que está em forma de texto. Então a pessoa que diz *eu não conheço música*, mas se ela for alfabetizada entenderia o texto aliado a musica, é só observar que ao ler o texto ela está fazendo a divisão métrica. É um estudo profundo, inclusive do próprio Gardinner, quando ela fala sobre as Inteligências Múltiplas, a música é uma das inteligências. Eu usei essa questão da

inteligência musical para poder através de jogos está contribuindo, não somente para a educação musical, como para a educação como um todo.

VOCÊ TEM ALGUMA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO?

Não eu só fiz até o ensino médio, mas para fazer esse trabalho eu tive que me embasar e estar firmado em coisas sólidas, então eu comecei a ler sobre a educação de diversas formas, li Piaget, vigotszk, fermet, valon, Paulo freire. Quem me ajudou muito foi a minha esposa, porque na época ela tava fazendo pedagogia e nos conversávamos muito sobre isso, e quando agente conversava ela dizia *olha, essa tua idéia está firmada nesse teórico, existe livro tal que fala sobre esse assunto*. Eu comecei a ler para poder estar baseado, então quando alguém me diz que isso não presta, que não ensina, eu provo pra ele que ensina, porque anos e anos atrás pessoas usavam dessa forma.

Hoje nos temos acesso a computador, a informática, mas o aprendizado é diverso, você pode aprender de diversas formas, mas se o aluno não tiver pré-disposto a aprender, tiver descontraído, se ele não vir isso de forma agradável, ele não aprende. Ele vai assimilar, memorizar, aquele assunto ensinado, mas daqui a algum tempo vai esquecer. Tudo que se aprende de forma agradável você não esquece. Se eu perguntar se você se lembra daquela musiquinha que você cantava em época de festa junina ou quando você tinha 2 ou 3 anos, quando a sua mãe ou sua tia cantava *atirei o pau no gato* ou *caminho da roça*, essas musicas, nós nunca mais vamos esquecer, as pessoas podem dizer *ah, não via esquecer porque todo mundo canta*, mas não podemos esquecer que aprendemos e não esquecemos porque estávamos brincando, nosso cerebro captou a informação de forma diferente de uma aula que as pessoas costumam dizer que é chata.

Se nós observamos as aulas e professores que nos mais gostamos e temos prazer em falar sobre eles são aqueles que mais brincavam, que mais contavam piadas, que contavam um historia, que faziam uma brincadeira, e são justamente aqueles que nós não esquecemos.

Nessas experiências que eu passei, Deus me deu clareza, e discernimento de desenvolver esse projeto que a cada dia está crescendo. Eu tenho recebido sempre mais de Deus, eu encaro isso como uma dádiva divina.

ENTREVISTADO: PMM - F
POSTO/GRAD: PRIMEIRO TENENTE AUXILIAR FUZILEIRO NAVAL
ESCOLA DE MÚSICA ANEXA A IGREJA DE DEUS DE MADUREIRA

COMO FOI A TUA FORMAÇÃO COMO MÚSICO?

Eu sou oriundo de uma igreja evangélica, assembléia de Deus em Madureira, e como quase todo o jovem da igreja, agente costuma trabalhar dentro dessa comunidade evangélica e cada um tende para um lado de atividade. E eu trazia desde de pequeno trazia essa aptidão em música, e comecei a estudar música na igreja, a minha primeira escola foi à escola de música dentro da igreja. Quando eu atingi o nível, dentro daquela classe de alunos, o professor de música me encaminhou para a escola de música Villa-Lobos, para dar procedimento em meus estudos, onde eu fiz meu curso de teoria, de harmonia, técnica instrumental. Depois passei a ter aulas particulares com professores, comecei a frequentar a Escola de Música da UFRJ, como ouvinte do curso técnico e depois fui fazer curso de extensão universitária na área de música, instrumental e de regência.

NA ESCOLA DA IGREJA, QUEM DAVA AULA?

Era o maestro da banda de música da igreja, o meu primeiro professor de música foi o maestro Eugênio Dias Praga, um petropolitano, ele é falecido, era saxofonista, músico e tanto.

ELE ERA MILITAR?

Não, era civil, professor da escola de música.

TINHA OUTRAS PESSOAS DANDO AULA?

Naquele momento quando eu comecei a aprender música lá, ele era o único professor, ele era o mestre da banda e dava aula, também tinha um ajudante, o Sergio Renato, trombonista do Corpo de Bombeiros. Depois a escola tomou uma estrutura, foi crescendo com bastantes alunos, então aí passou a ser uma escola de música, passou a ser um departamento musical.

QUAIS OS INSTRUMENTOS QUE ENSINAVAM?

Todos os instrumentos de uma banda de música, percussão, palhetas e bocais. Até hoje ainda tem essa banda.

E A MARINHA NESSA HISTÓRIA?

Bom, eu quando comecei a estudar música tinha 11 ou 12 anos. Quando completei 18 anos fui me alistar, então não tinha assim nenhuma orientação para ser

músico militar, até então eu não tinha nenhuma orientação para ser músico militar. Ao completar 18 anos fui me alistar e também por vocação me alistei na marinha. Foi quando um colega falou comigo...eu até me lembro como se fosse hoje *você não é músico? Então porque não faz prova para o Corpo de Fuzileiros Navais?*

ELE ERA DA IGREJA?

Não, como eu disse, da igreja fui para a escola de música para dar prosseguimento aos meus estudos e fui convidado a tocar em outras bandas de música que não eram da igreja, como por exemplo a banda de música do Colégio Souza Marques, é uma banda de música que o colégio mantém, os músicos que ali tocam, depois de uma certa seleção, eles tem direito a uma bolsa de estudo tanto na faculdade como no colégio. Então eu passei a tocar na banda de música do colégio Souza Marques e recebi uma bolsa de estudo integral para iniciar o ensino médio. Então tinha vários músicos militares naquela banda, principalmente da Marinha e um deles, o Sergio, que hoje é professor de música na escola de música, é trombonista da OSB e do Teatro Municipal. Então ele falou comigo já que eu me inscrevi para servir na marinha, porque eu na faria prova para músico do Corpo de Fuzileiros.

Ai que eu comecei a descobrir que existia a Banda de Musica no Corpo de Fuzileiros, prestei concurso para sargento músico, passei, foi um concurso apertado. No final, na prova prática havia 7 candidatos para uma vaga de saxofone alto, e ai eu fiz umas leituras métodos, tanto passei pelo Amadeu Russo como pelo klosé, a seleção foi feita nas lições desses métodos, e graças a Deus eu consegui uma média melhor do que os outros e fui cursar, fazer o curso de sargento músico com habilitação em saxofone alto.

MAS COMO FOI A TUA PREPARAÇÃO PARA O CONCURSO?

Com 15 anos eu dominava bem o instrumento, já tocava na banda de música da igreja, foram 4 anos de estudo entre teoria e pratica instrumental, o que me habilitou a participar da banda da igreja e do colégio Souza Marques, ai tive o privilégio de tocar na banda *Todo o Ritmo* do saudoso maestro Joaquim Nery, eu cheguei a tocar sobre a batuta dele. Era lá no Méier, uma banda de música civil, eu fui convidado para tapar o buraco de um músico saxofonista que não pode ir, ele gostou do meu trabalho e eu fiquei ali trabalhando durante algum tempo, maestro exigente.

A preparação para o concurso se deu dentro das bandas de músicas, eu já tocava, fazia uns cachês tocando em grupos e big bands. Peguei o programa do concurso e estudei a parte de teoria, a parte pratica dizia que seria uma lição de média dificuldade e eu me preparei assim, em cima dos métodos e da leitura de partituras de bandas e me preparei nesse sentido. Procurei um professor, eu fui aluno do Paula Moura, na Villa-Lobos, e ele me deu algumas orientações, a visão dele era mais para músico de conjunto, mas ele me deu boas dicas para o concurso...assim como outros professores como o José Carlos e mais alguns amigos que eu fui conhecendo pelo meio do caminho. Eu não tinha experiência de banda militar, só banda civil, mas no fundo o que interessa para a banda militar é que o músico tenha uma sonoridade agradável, que tenha uma mecânica, técnica instrumental boa, que tenha a embocadura correta, postura, empunhadura e eu me adaptei bem a isso, porque a escola me preparou para isso e tive êxito no concurso graças a Deus.

E DEPOIS ?

E depois que eu terminei o curso de sargento músico fui designado para servir na Banda de Sinfônica dos Fuzileiros Navais. Lá comecei a tocar saxofone, na época a marinha estava introduzindo fagotes na Banda de Música, tinha dois instrumentista com dois instrumentos, mas precisava de mais um. Foi aberto voluntariado e eu me candidatei.

A primeira dificuldade era que a Marinha não tinha o instrumento, o aluno deveria ter o seu, aí um sargento músico que tocava fagote naquela época, o sargento Gabriel, ele era aluno do professor Noel Dovos e me apresentou a ele. comecei a estudar com ele, só que eu não tinha instrumento. Eu conversando com ele, ele viu o meu interesse, e acredito também que foi a mão de Deus, me emprestou o fagote dele, um Buffet Grampone, comecei a estudar fagote com ele, na casa dele, onde foi a minha primeira escola de fagote na casa do professor Noel Dovos no catete. Um tempo depois eu estava na Villa-Lobos fazendo fagote como aluno regular e tocando na Banda Sinfônica da Marinha.

JÁ DEU AULA?

Dei aula, depois de um certo tempo como fagotista. Fui convidado pra dar aula na escola de música da igreja, a mesma escola que fui aluno. Dei aula de saxofone, de teoria. Como o trabalho da Banda Sinfônica tomava muito o nosso tempo e exigia dedicação integral, porque o fagote é um instrumento que não é uma máquina de escrever em que você aperta ma tecla e sai aquela letra, você tem que fabricar, tem que ter ouvido, muita preparação, é um instrumento que, como todos os outros, tem que ter muita dedicação. Fiquei um tempo encarregado da escola de música, mas devidos as minhas atividades eu não pude continuar com esse trabalho, coloquei uma outra pessoa no meu lugar. Havia a necessidade, era imperioso se dedicar integralmente ao trabalho da Banda Sinfônica do CFN.

O QUE TE LEVOU A DAR AULA?

Justamente a escassez de professores para dar aula e pra mim foi até um motivo de orgulho ser chamado para trabalhar ali, poxa eu comecei a estudar ali, cheguei ali zerado, sem tocar nada, e agora estava podendo ter a oportunidade de ajudar ali, tanto é que eu dispensei a ajuda de custo que eles davam. Eu trabalhei ali 2 anos, as aulas eram as quartas e aos sábados, trabalhei assim mais por uma auto-realização, em querer passar para os outros a oportunidade que eu tive daquele professor que não me cobrou também nada. É uma questão até de...não vou dizer caridade, mas pra mim foi uma realização particular de ter colaborado com a formação daqueles alunos, para que eles pudessem iniciar sua vida musical. Eu até me lembro de um deles o Darlan, que foi um dos meus alunos e que hoje é músico da Banda Sinfônica. Tem outros também que são da aeronáutica e do exercito, e que estão seguindo a vida por ai.

COMO ERAM AS SUAS AULAS?

Eu sou formado em letras e História, pela Faculdade Souza Marques, no curso tem toda uma didática para dar aulas, fazer os seus trabalhos e depois a análise do que você deu para o aluno. Então eu fazia justamente aquilo que eu aprendi na parte de didática do meu nível superior.

MAS COMO ERA ESSA AULA?

Bem, quando era aula teórica, agente usava o quadro de giz com pentagrama e com acompanhamento de folhas de informação. Ai também entra a minha formação de didática de Marinha, eu fiz o curso de técnicas de ensino da Marinha para poder dar aulas para os recrutas e soldados. Então agente usava tanto uma parte da didática civil e como uma parte da didática militar, a parte militar fala muito sobre 'FI', folha de informação, que seria um resumo da aula, então eu usava tanto o quadro como usava essa folha de informação, nós fazíamos estudo de caso de alguns assuntos, por exemplo: agente colocava um acorde, quando a matéria era essa, e depois começávamos a debater, eu trazia um acorde de uma outra turma, onde eles tinham errado em alguma coisa, então agente debatia com a turma o que levou aqueles outros companheiros a não entenderem como se deu a formação daquele acorde.

Quando era aula prática eu trazia cds, colocava para que eles escutassem, de saxofonista de renome da época, para eles perceberem o som e até comparar um saxofonista com outro, a diferença de som e de articulação, e depois agente estudava o método também, começávamos com o Amadeu Russo, método brasileiro de mais fácil acesso, geralmente eu xerocava e dava as cópias das lições e depois de um certo nível agente trabalhava o Klosé, já colocava a responsabilidade de eles comprarem o Klosé, música é investimento é caro, tem que ter dedicação nisso também. O departamento tinha na faixa de uns 120 alunos, então nós cobrávamos um valor simbólico, coisa de uns 20 reais por mês, com duas aulas na semana.

A igreja tem uma banda de música com os seus instrumentos, e aqueles instrumentos que estavam na igreja, que não tinha músico com ele...porque normalmente é assim, o músico começa a aprender com o instrumento da instituição, igreja. Por isso que na aula de música, quando chegava na parte do Klosé, método de saxofone, agente dava a responsabilidade para que o aluno comprasse o método, para começar a entender que tinha que ter dele um investimento na área musical.

Ele começava estudando, e quando chegava na parte do instrumento, a aula prática era com o instrumento da igreja. A igreja fornecia a palheta e a manutenção ela que fazia. Depois de um certo tempo ele sentia a necessidade de ter um instrumento dele, por exemplo: eu não tinha um saxofone Yamaha, Selmer, nós tínhamos Veril, Galaço, então quando o aluno chegava em um certo nível, até mesmo para levarmos esses alunos, essa classe, para apresentações de outros músicos, eles começavam a ver outros tipos de instrumentos, diferentes, com o som melhor. Havia a necessidade de compra do instrumento, então ai o músico já comprava o seu instrumento, ou o pai e mãe, porque eles eram garotos, mas aquele instrumento voltava pra igreja e eles agora estavam com um instrumento melhor. Um Yamaha, um Selmer...pra isso ai mostrar a necessidade do instrumento, o pessoal pensa que música é só pegar um instrumento, bate ali e tal....não é assim, agente sabe que é um

curso caro, que requer investimento e dedicação. Então a escola já começava a mostrar isso para os alunos.

QUAL O OBJETIVO DOS ALUNOS QUE PROCURAVAM A ESCOLA?

A escola tinha um objetivo, que era justamente, manter a banda de musica da igreja funcionando, é claro que não era vedada a participação de músicos que não eram evangélicos, a escola era aberta à comunidade, tudo que o aluno evangélico tinha, o aluno que não era evangélico também tinha. Como toda a escola tinham as suas regras, não podia ir de chinelo, de short, de camiseta sem manga, porque as aulas eram dentro da igreja....e os alunos tinham os seus objetivos, a maioria deles tocavam na igreja e depois faziam o concurso para bandas militares, para orquestras, então ali era um inicio, quem ficava na igreja tocando, ajudava muito na igreja, ela tinha uma banda com uma rotatividade de 50 a 60 músicos tocando, e tinha o luxo de ter uma banda de profissionais e uma de alunos. Tinham cultos e situações que agente colocava a apresentação da banda de alunos e isso sempre incentivava, então a igreja mantinha um grupo musical ativo, para fazer as suas atividades e reuniões, e os alunos que estavam adquirindo uma profissão para utilizar da maneira que quisessem, ou para trabalhar na noite, ou orquestras, bandas militares ou civis, ai cabendo a cada um seguir o seu caminho.

VOCÊS DIRECIONAVAM O ESTUDO DOS QUE TINHA A INTENÇÃO DE INGRESSAR NA CARREIRA MILITAR?

Nos tínhamos músicos que queriam ir para orquestras, do Teatro Municipal, a OSB, Nacional, e foram. Eles já chegavam na idade de 17, 18 anos, idade da obrigatoriedade do serviço militar, então a maioria ia se alistar ou então fazia o concurso para músico. Essa preparação era feita da forma mais natural, porque a escola trabalhava em cima de teoria musical, noções de harmonia e dobrados eruditos e militares, essas matérias são as exigidas nos exames para músico militar.

A prova constava de teoria, solfejo, harmonia e o repertório eram dobrados eruditos e militares, clássicos, musicas populares. Por exemplo, no meu concurso foi exigido de mim muito método, mas eu toquei um chorinho, colocaram um chorinho para eu tocar, toquei um samba, um dobrado, inclusive o dobrado foi o *General Rabello*, maior coincidência, ele tem a casa de segunda vez, que todo saxofonista conhece, é bem complicado, tem uma série de semicolcheias, duas ligadas e duas batidas que derruba muita gente, começa numa região aguda do sax. Então é um trabalho natural, normalmente, o que você prepara para uma banda de música, vai dando a base para o concurso. Agora é bem verdade que, entre todos os alunos, alguns se limitavam ao ensinamento da escola, outros procuravam a escola de música e o conservatório, porque a escola de música da igreja não dava um certificado, apenas um certificado de presença, agora um diploma de curso técnico não existe. É tudo no amadorismo, mas um amadorismo levado muito a sério.

QUAIS ERAM OS SEUS OBJETIVOS NO ENSINO MUSICAL?

A minha vontade era de que, aqueles alunos que chegavam leigos em música, eles saíssem dali tocando um instrumento e com uma profissão, essa era a minha grande realização, de ver alguns anos depois, aquele aluno que chegou ali com aquele olhar assustado, chamando agente de professor, senhor, que estivesse depois

tocando com você no mesmo naipe, trabalhando junto e já te chamasse agora pelo nome. É uma mudança, uma transformação, que te dá uma satisfação muito grande.

Isso aconteceu com o Vander Luiz, hoje em dia ele é primeiro sargento do corpo de bombeiros, músico trompetista coincidíssemos na praça. Eu não fui professor dele, mas eu já estava tocando na banda da igreja e ele chegou, garotinho, pequenino, começando a dar as primeiras notas...ele me olhava com aquele olhar assustado, você passa a ver as pessoas mais velhas ali, chamadas de *cobra, fera, medalhão*, de outro jeito. Ai dois anos depois, Vander já estava tocando no Free Jazz Festival, nas orquestras, arrebatando, trompetista de mão cheia, altamente procurado.

Hoje ele está regendo a *Big Band* do Corpo de Bombeiros, fazendo um trabalho excelente. Eu já tive oportunidade de ir numa festa na igreja, onde um grande coral e orquestra estavam lá comigo tocando fagote nela, e o Vander regeu uma das músicas ...aquilo para mim foi legal, bacana...você vê que é uma ação social muito grande que as igrejas prestam a comunidade, porque pega aquela criança, aquele jovem sem uma profissão, talvez até sem uma perspectiva de futuro e daqui a pouco eles são transformados, lapidados, descoberto esse dom que Deus deu a todos eles, e que muitas vezes está ali adormecido.

SINTESE DAS ENTREVISTAS COM FRASES MAIS SIGNIFICATIVAS

INICIAÇÃO MUSICAL

Todos tiveram iniciação musical na escola de música da igreja. Cinco foram com professores militares, um com professor civil.

“Aprendi música na igreja, A igreja, na realidade, soma e coopera na formação de muitos músicos militares e até civis”

METODOLOGIA DO PROFESSOR DO PMM

A teoria antecedendo a prática instrumental.

Cinco - Método de teoria musical da autora Maria Luíza de Mattos Priolli, antecedendo as aulas práticas. Desses cinco, dois utilizaram o método de solfejo de autoria Frederico Nascimento.

Um teve a prática antes da teoria, tocar violão por cifra.

“período maçante de teoria, Maria Luíza Priolli, depois pegar no instrumento, eram músicos de Bandas Militares, assim como hoje, a maioria dos professores da igreja.”

COMO COMEÇOU A PRÁTICA DE ENSINO

Cinco, pela falta de professores na escola de música da igreja com o objetivo de formar músicos para a banda de música da igreja.

Um começou a dar aula particular em casa e depois na igreja.

“déficit de professores. comecei a dar aulas pela necessidade de formação de instrumentistas dentro da igreja”

QUAL A METODOLOGIA DA PRÁTICA DE ENSINO DOS PMM

O modelo docente seguido é similar ao da sua iniciação musical, provêm da sua própria história de vida, de como vivenciou, enquanto aluno, os conhecimentos a ele ministrado. (TARDIF, 2000)

“exposição oral dos princípios do livro de Maria Luíza de Matos Priolli; cobrar deles as aulas de leitura rítmica e encaminha-los para os professores no instrumento. Sempre no fim do dia reúno todos os alunos do sopro para fazer prática de instrumento”

REPERTÓRIO DA PRÁTICA DE CONJUNTO

Cinco - Músicas da igreja e de bandas militares.

Um - lições dos métodos.

“músicas nacionais, elegia da alma, Sinfonia Pátria, O Guarany, hinos da harpa e os dobrados da marinha.”

OBJETIVOS DOS ALUNOS QUE PROCURAVAM ESSA PRÁTICA

Tocar na igreja e prestar concurso para as forças armadas para ter uma profissão. O estudante quer ser como o professor (status social, econômico, musical....) forma de ascensão social, valor simbólico – histórico.

“...eu sou de banda militar e isso enche os olhos deles”

“não era só tocar na banda, era ter uma profissão, entrar para a banda militar, ser militar.”

OBJETIVOS DO PROFESSOR MÚSICO MILITAR

Profissionalizar os alunos, satisfação pessoal em dar aulas para manter o ciclo social que ele faz parte. Abolir a distância entre ele e o seu aluno, ter o prazer de ver o aluno alcançar o mesmo nível social e musical dele. (relação assimétrica, REBOUL)

“A minha vontade era de que, aqueles alunos que chegavam leigos em música, eles saíssem dali tocando um instrumento e com uma profissão, essa era a minha grande realização.”

OBJETIVOS DA ESCOLA DE MÚSICA DA IGREJA

Dois - suprir a necessidade funcional de músicos na igreja

Quatro - além suprir a necessidade funcional de músicos na igreja, formar músicos militares.

“eu sei que não existe uma outra maneira de você ter músicos na igreja senão formando na própria igreja.”

“estamos preparando gente que está interessada em participar desse concurso que vai ter na Marinha para sargentos cantores, a prova do coro da Marinha.”

CONTATO COM O MILITARISMO

Através da grande maioria dos músicos militares que tocavam na banda da igreja.

“Ele (o professor do PMM) era músico da Marinha, ele tocava clarinete na Banda Sinfônica, era primeiro clarinete e aprendeu também na igreja”

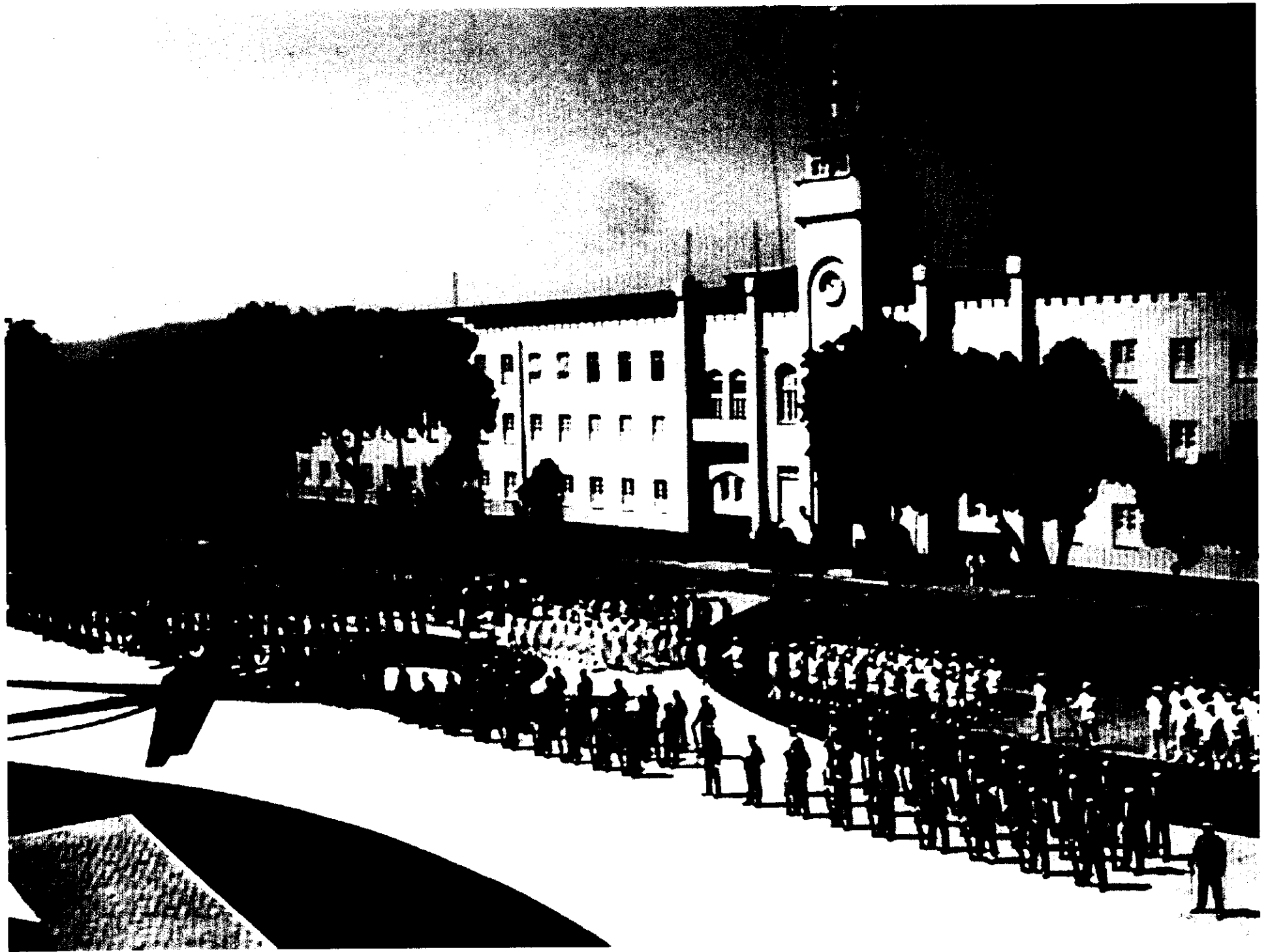
“Eu poderia dizer a você que 80 % de músicos militares aprenderam música na igreja”

“hoje vejo que estava me espelhando nos meus professores e na galera que tocava na banda da igreja, a maioria era militar/ A maioria dos professores que ensinavam naquela época e hoje, uns 90 %, são militares”

Handwritten text at the top of the page, possibly a title or description, written in a cursive script.

66





Concerto

19th anniversary of
Concordia Nazareth

1975-1976
CONCORDIA
NORTH BAY

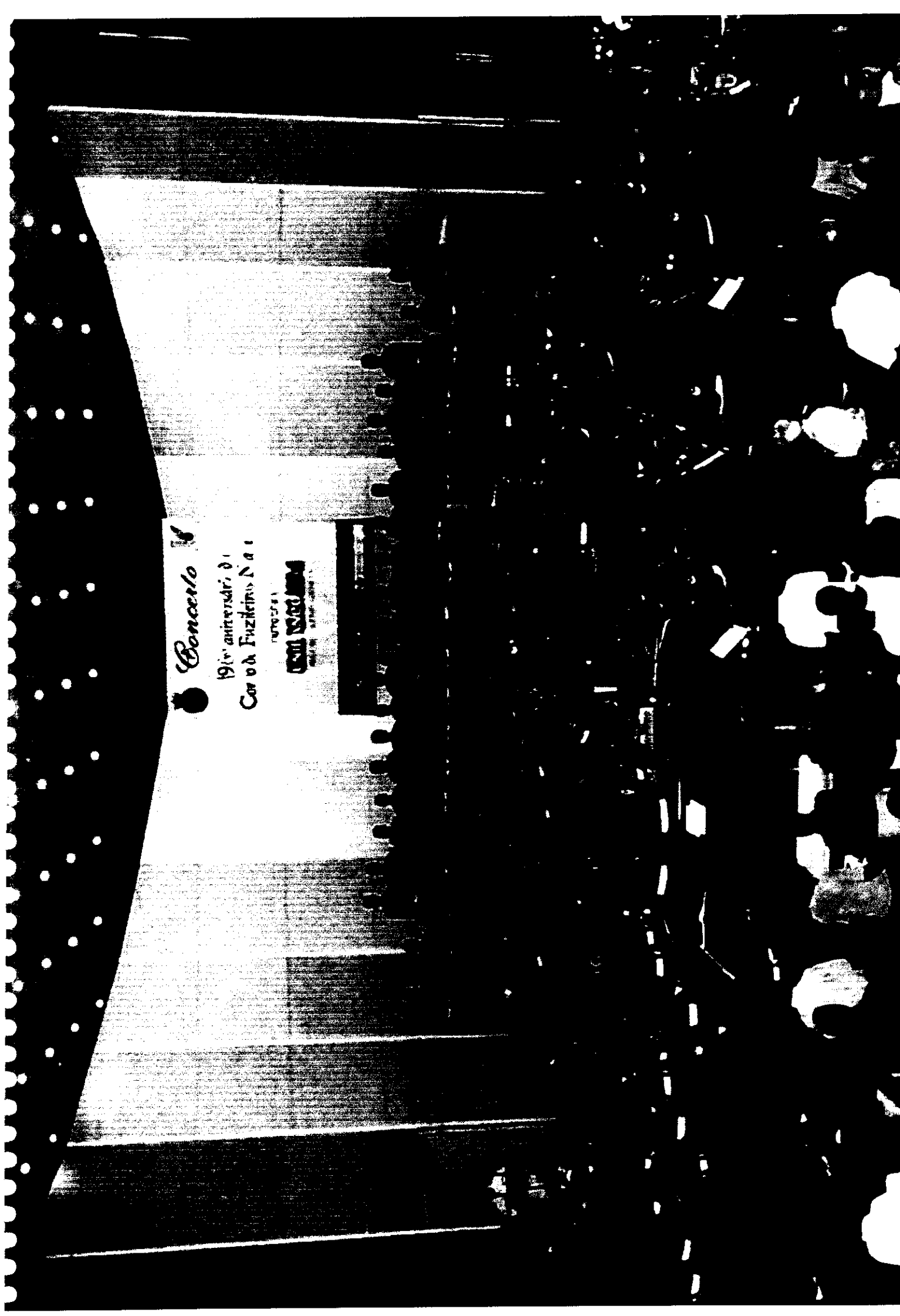
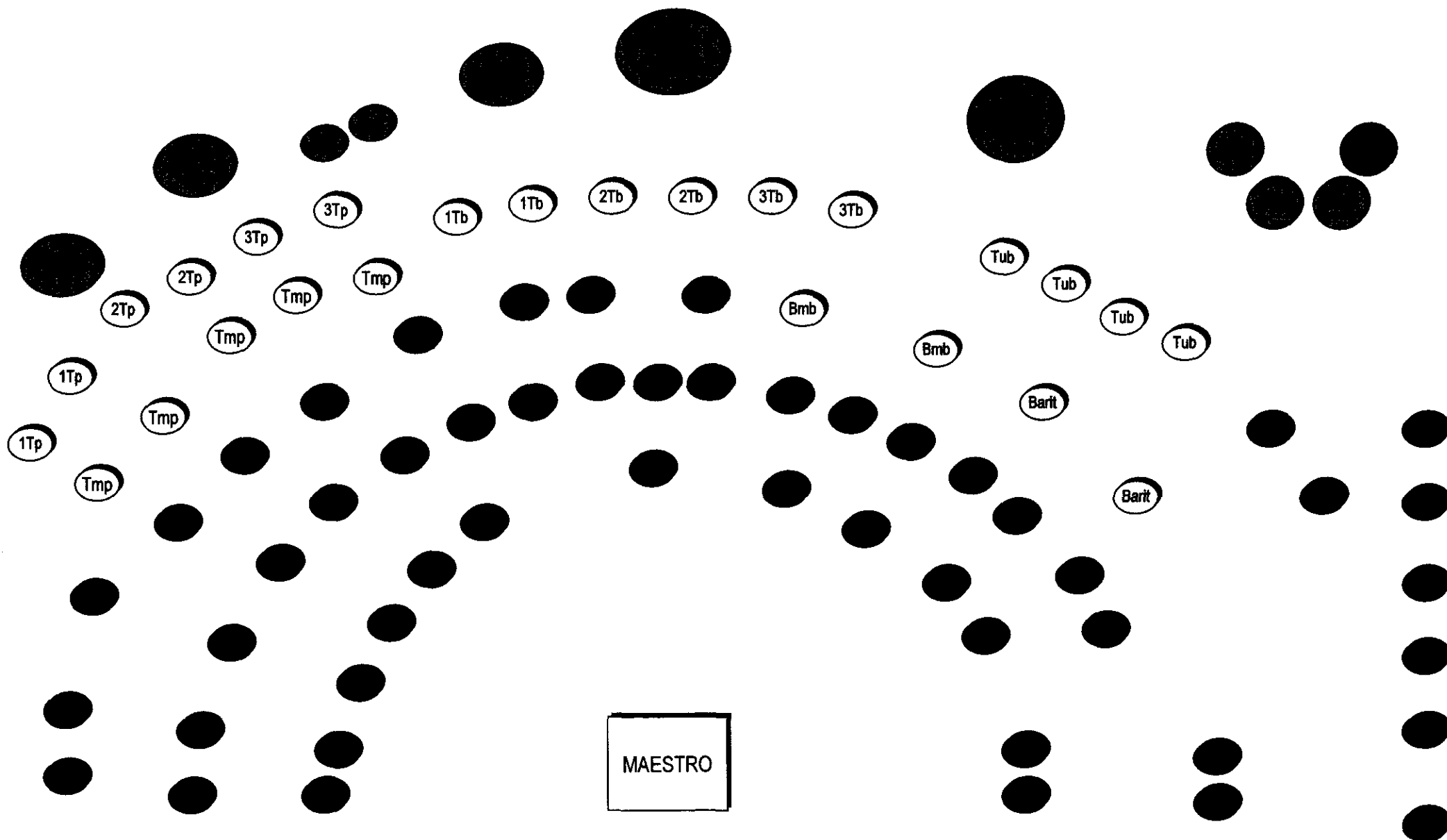


GRÁFICO DA FORMAÇÃO DA BANDA SINFÔNICA DO CFN

Praticáveis para Coral com 40 Vozes



LEGENDAS

Cantor	Cantores
Loc	Locutor
Gt.	Gaita
Fla	Flauta
Flm	Flautin
Obo	Oboé
Req	Requinta
1Cl	1° Clarinete
2Cl	2° Clarinete
3Cl	3° Clarinete
CAlt	Clarinete Alto
Cbx	Clarinete Baixo
Cln	Clarone
1Tp	1° Trompete
2Tp	2° Trompete
3Tp	3° Trompete
1Tb	1° Trombone
2Tb	2° Trombone
3Tb	3° Trombone
SxA	Sax-Alto
SxB	Sax-Baixo
SxS	Sax-Sopranino
SxT	Sax-Tenor
Fgt	Fagote
CnIg	Corne Inglês
1Cel	1° Cello
2Cel	2° Cello
3Cel	3° Cello
4Cel	4° Cello
5Cel	5° Cello
Tmp	Trompa
Bmb	Bombardino
Barit	Barítono
Bxa	Baixo
Tub	Tuba
Tel	Teclado
BxEI	Baixo Elétrico
Timp	Timpano
Marimb	Marimba
Tubofo	Tubofobe
Apt	Apetrecho

CARACTERIZAÇÃO DOS INFORMANTES

PROFESSOR/MILITAR	IDADE	RELIGIÃO	TEMPO BANDA	ONDE LECIONA	QUANDO LECIONA	INSTRUMENTO	MUSICA IGREJA	PROF. QUE ENSINOU	Alunos que estão em Bandas Militares
PMM - A	34	Assembléia	15 anos	Escola de música anexa igreja	fim de semana	Saxofone	BANDA	MILITAR	NÃO
PMM - B	45	Assembléia	28 anos	Escola de música anexa igreja	fim de semana	Trompete	BANDA	MILITAR	SIM
PMM - C	39	Assembléia	19 anos	Escola de música anexa igreja	fim de semana	Saxofone	BANDA	MILITAR	SIM
PMM - D	29	Assembléia	11 anos	Escola de música anexa igreja	fim de semana	Saxofone	BANDA	MILITAR	SIM
PMM - E	42	Metodista	18 anos	Escola na residência e na igreja	fim de semana	Percussão	CONJUNTO	MILITAR	SIM
PMM - F	40	Assembléia	21 anos	Escola de música anexa igreja	fim de semana	Saxofone	BANDA	MILITAR	SIM

PROFESSOR/MILITAR	INICIAÇÃO MUSICAL	METODOLOGIA PROFESSOR	ENSINAR MÚSICA
PMM - A	Na igreja / O objetivo inicial era tocar na igreja/ eram músicos de Bandas Militares.	período maçante de teoria (Maria Luiza Priolli), depois pegar no instrumento, eram músicos de Bandas Militares, assim como hoje, a maioria dos professores da igreja.	déficit de professores. comecei a dar aulas pela necessidade de formação de instrumentistas dentro da igreja
PMM - B	Comecei a estudar musica na igreja, um Suboficial que dava aulas/ o objetivo principal era aprender música para tocar na igreja	usava o do Frederico Nascimento e da Maria Luíza de Matos Priolli, abrir os concursos para a Marinha e ele começou a incentivar a gente, estudamos pra prova com ele.	Da mesma forma que o meu professor, através de uma necessidade que surgiu. não tinha quem ministrasse a aula.
PMM - C	Apreendi música na igreja, A igreja, na realidade, soma e coopera na formação de muitos músicos militares e até civis mesmo; O b-a-bá foi com um Maestro da Banda da Igreja, ele era militar da Marinha, aqui da Banda Sinfônica.	No inicio tinha a teoria, baseado na Maria Luiza Matos Priolli, uns três a seis meses de teoria e solfejo, ai depois pegava no instrumento...] lição de método Klosé.	comecei a dar aulas na igreja, vários alunos meus vieram fazer prova para a Marinha
PMM - D	Nós tivemos ali uma influência muito grande, porque a nossa igreja possui uma banda, e desde pequeno fomos habituados a ficar apreciando o trabalho/ A maior parte da banda era de militar.	o solfejo, o estudo de teoria pelo livro da Maria Priolli, e a parte de divisão, depois veio a parte pratica no instrumento/ método Amadeu Russo.	começamos a desenvolver alguma coisa na parte de ensino dentro da igreja, dando continuidade ao trabalho que já existia.
PMM - E	foi como a maioria dos músicos de marinha, eu comecei tocando violão, para tocar basicamente na igreja/ veio um rapaz de uma outra igreja para ensinar violão por cifragem.	ensinar violão por cifragem / no final ele começou a dar iniciação musical.	Comecei em casa e depois na igreja onde eu estudei, eu comecei a dar aula para as próprias pessoas da igreja que queriam aprender.
PMM - F	como quase todo o jovem da igreja, comecei a estudar música na igreja, a minha primeira escola foi à escola de música dentro da igreja. o meu primeiro professor de música foi militar.	Teoria Maria luíza Prioli, Solfejo com o Frederico Nascimento e Prática instrumental na banda da igreja.	Fui convidado pra dar aula na escola de música da igreja, a mesma escola que fui aluno.

PROFESSOR/MILITAR	COMO ENSINAVA	OBJETIVO ALUNOS	OBJETIVOS PROFESSOR MILITAR
PMM - A	exposição oral dos princípios do livro de Maria Luíza de Matos Priolli; cobrar deles as aulas de leitura rítmica e encaminha-los para os professores no instrumento. Sempre no fim do dia reúno todos os alunos do sopro para fazer prática de orquestra.	Eles observam os músicos tocando na igreja, acham bonito e querem tocar igual. Pensa em trabalhar profissionalmente com música, eu sou de banda militar e isso enche os olhos deles	compensação financeira, Agora o mais importante é você entrar na vida da pessoa e marcar essa vida.
PMM - B	usava[...]o Maria Luíza de Matos Priolli [...] pegava o Frederico Nascimento..depois que a pessoa do terceiro capítulo da Maria Luíza, [...] começava a dar o instrumento.	não era só tocar na banda, era ter uma profissão, entrar para a banda militar, ser militar.	aumentando a perspectiva na vida das pessoas através da música, além de fazer um bem para o seu emocional, e isso contribui para a sua reação na sociedade. É muito gratificante ver isso.
PMM - C	Eu começo com a teoria junto com o método Klosé, vou dando lição por lição até terminar o método.	Eles querem estudar música para ser um profissional, prestar um concurso para a Marinha, Exército ou Aeronáutica.	O meu maior prazer cara é fazer discípulo, eu aprendi isso com um professor, e te digo, minha prioridade hoje não é nem tanto financeira, é o prazer de dar aula..
PMM - D	Nos trabalhávamos com um questionário [...] Por exemplo: o que é musica, a estrutura da música, as três partes em que se dividem, quantas claves nos temos, as armaduras, solfejo.	queriam seguir a carreira militar, pensando no futuro ganhar um dinheiro, um salário fixo.	Meu objetivo era só ajudar esses adolescentes.
PMM - E	Na época eu dava aula de forma tradicional, quadro de giz. Eu criei uma apostila própria. Livros, eu adotava o Maria Luiza Priolli,	Objetivos diversos, mas a maioria queria aprender música para tocar na igreja. continuei a dar aula e ai começou a aparecer alunos que queriam se preparar para fazer concurso.	[...] sentir um prazer, um gosto, de estar passando as coisas para as pessoas, e quando você começar a passar alguma coisa para a pessoa, a ensinar, você tem a necessidade de se aperfeiçoar, de melhorar a cada dia para passar coisas novas e melhor.
PMM - F	aula teórica, agente usava o quadro de giz com pentagrama e com acompanhamento de folhas de informação.	a maioria deles tocavam na igreja e depois fariam o concurso para bandas militares, para orquestras	A minha vontade era de que, aqueles alunos que chegavam leigos em música, eles saíssem dali tocando um instrumento e com uma profissão, essa era a minha grande realização.

PROFESSOR/MILITAR	REPERTÓRIO DA PRÁTICA DOS ALUNOS	OBJETIVOS DA ESCOLA DA IGREJA	MILITARISMO
PMM - A	Existem arranjos específicos; arranjo seja adaptado com a nota que ele alcança; hinos da igreja; dobrados	suprir a necessidade funcional de músicos na igreja/ eu sei que não existe uma outra maneira de você ter músicos na igreja senão formando na própria igreja.	hoje vejo que estava me espelhando nos meus professores e na galera que tocava na banda da igreja, a maioria era militar/a maioria dos professores que ensinavam naquela época e hoje, uns 90 %, são militares.
PMM - B	músicas nacionais/ elegia da alma, Sinfonia Pátria/ O Guarany/ hinos da harpa/ os dobrados da marinha.	Tocar na banda da Igreja/ estamos preparando gente que está interessada em participar desse concurso que vai ter na Marinha para sargentos cantores, a prova do coro da Marinha./ Estamos fazendo um trabalho social na comunidade, com 600 crianças, aulas de reforço escolar, música, artesanato.	Ele (o professor da iniciaçãomusical) era músico da Marinha, ele tocava clarinete na Banda Sinfônica, era primeiro clarinete e aprendeu também na igreja, só que lá em Belém, com outro militar, só que dá Banda de Música da Aeronáutica que ensinou pra eleNossa escola continua funcionando inclusive com outros professores daqui da Banda Sinfônica que dão aula
PMM - C	Hinos da harpa cristã e o repertorio da igreja.	A principio era ensinar música para amanhã ele se tornar um profissional, somando dentro da igreja/ coopera na formação de muitos músicos militares.	Eu poderia dizer a você que 80 % de músicos militares aprenderam música na igreja, nessa escola, uns 20% são civis. Uma grande soma de músicos tiveram o seu início na igreja,
PMM - D	hinos, músicas sacras/ harpa cristã foi assim um dos métodos que nos utilizamos.	A igreja possui uma orquestra, estágio, prática na banda da igreja.	foi uma das pessoas que eu me espelhei muito e através da motivação dos músicos militares, a maior parte deles eram militares, agente teve assim aquele sonho de fazer parte um dia de uma banda militar.
PMM - E	Lições de métodos.	tocar na igreja/ para prepara-lo para fazer concurso para a Marinha e aeronáutica	Professor Ernesto, ele foi Oficial do Exército, estava na reserva (aposentado),
PMM - F	dobrados eruditos e militares, clássicos, musicas populares	tocar na igreja/ prepara-lo para fazer concurso para a Marinha e aeronáutica	tinha vários músicos militares naquela banda, principalmente da Marinha e um deles, o Sergio, que hoje é professor de música na escola de música, é trombonista da OSB e do Teatro Municipal. Então ele falou comigo já que eu me inscrevi para servir na marinha, porque eu na faria prova para músico do Corpo de Fuzileiros.

**MARINHA DO BRASIL
BATALHÃO NAVAL
COMPANHIA DE BANDAS**

CENSO RELIGIOSO DA BANDA SINFÔNICA DO CFN

RELIGIÃO	SO-FN-MU	1º SG-FN-MU	2º SG-FN-MU	3º SG-FN-MU	TOTAL
Católicos		7	8	11	26
Metodista		1	0	1	2
Adventista		0	1	0	1
Presbiteriano		1	0	1	1
Batista		0	2	3	5
Espírita/Budista		1	1	1	3
Assembléia	2	9	10	16	40
Cristã do Brasil		1	2	4	7
TOTAL	2	21	26	40	85